

**HISTÓRIAS DA
ERA AQUARIANA**
para
CRIANÇAS



FRATERNIDADE ROSACRUZ

VOL. I

HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 1

Compilado por um Estudante da

The Rosicrucian Fellowship

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com
contato@fraternidaderosacruz.com
fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	5
A PRINCESINHA ALEIJADA	6
OS ESPÍRITOS DA PRIMAVERA	12
O SONHO DE BETTY	17
CORNÉLIA E AS FADAS DAS CORES.....	21
Ó, FADA, DIGA-ME!.....	26
O JARDIM NA PRIMAVERA.....	27
FADAS	35
COISAS QUE AS FLORES BRANCO-ROSADAS CONTARAM À ELZA	36
O AMIGÁVEL ROBIN	40
O PRESENTE DE CELESTIA	45
AS ESTRELAS BEBÊS.....	51
A VESTE TECIDA COM OS PENSAMENTOS DE JANE.....	54
MEUS PENSAMENTOS.....	59
PRINCESA QUE APRENDEU A SORRIR	60
A PEQUENA TRABALHADORA CANSADA	64
O DUENDE.....	68
NOSSOS ANJOS AUXILIARES	69
OS GÊMEOS TAYLOR NA DANÇA DAS FADAS DAS FLORES	73

O BUQUÊ DAS FADAS	77
DEUS ESTÁ SEGURANDO SUA MÃO	85
O VENTO.....	90
O CÍRCULO DE FADAS	91

DEDICATÓRIA

O amor pelas crianças, combinado com a sensibilidade às profundas verdades da vida, possibilitaram os autores dessas histórias, que foram publicadas há anos na Revista “*Rays from the Rose Cross*”, a expressar de maneira atraente, muitas fases da sabedoria da Natureza. A esses amigos dedicamos, com gratidão, as *Histórias da Era Aquariana para Crianças*.

Muitos meninos e meninas estão cientes dos “pequeninos seres” e de outras Forças da Natureza mencionadas nessas histórias. Esperamos que muitas outras crianças fiquem animadas a tomar conhecimento delas, através da leitura deste pequeno volume.

Fraternidade Rosacruz, 1951

A PRINCESINHA ALEIJADA

Matilda Fancher

Era uma vez, não há muito tempo atrás, um lugar onde habitava uma menininha cujo nome era Emaline. Seus amigos e as crianças da vizinhança a chamavam de Princesinha Aleijada.

A casa pequenina em que ela morava era cercada de um gramado verde e lindas flores guarneciam o caminho no tempo de verão. Num canto do quintal erguia-se um grande olmo.

Cada dia, Emaline sentava-se ao lado de uma ampla janela de onde ela podia ver as flores no quintal, pessoas passando na rua e observar os pássaros construindo seus ninhos no grande olmo.

Embora essa menininha não pudesse andar, eram muitas as alegrias de que ela desfrutava ao observar as crianças brincarem, ou quando passavam em seu caminho para a escola. Todos a conheciam e a amavam e nunca deixavam de acenar-lhe quando passavam por ela, ou de parar quando tinham tempo para conversar uns minutinhos e dividir com ela suas flores, doces, ou o que tivessem.

Assim, Emaline era muito feliz e grande era sua satisfação quando os pássaros vinham colher as migalhas que ela jogava para eles, no peitoril da janela.

Do lado de fora de sua janela havia uma caixa onde ela plantou pequenas sementes que sua mãe lhe tinha dado e, pelo cuidado amoroso que ela lhes dedicou, eram, agora, uma mistura de lindas cores. Sua fragrância era fonte de contínuo prazer para Emaline. Como ela amava esses amigos amorosos que inclinavam suas cabeças na brisa e pareciam estar sempre sorrindo para ela!

Sobre uma pequena mesa bem a sua mão, encontravam-se livros de contos de fadas e de aventuras. Eram muitas as horas agradáveis que a Princesinha Aleijada passava na Terra das Fadas onde tudo era radiante e adorável.

Ao seu lado, numa cadeira, podia-se quase sempre encontrar um enorme gato amarelo, todo enrolado, dormindo. Ele adorava que Emaline alisasse seu pelo e mostrava sua satisfação ronronando sonoramente, esticando suas garras, empurrando primeiro uma pata, depois a outra, na almofada em que ficava deitado. Emaline explicava que ele estava tocando órgão para ela.

Mas, a despeito de todas essas coisas que tornavam a sua vida feliz, Emaline crescia sem poder mover-se e ansiava intensamente por andar, correr e pular, como via as demais crianças fazerem diariamente. Então, ela ficava triste e perguntava a sua mãe:

- Por que sou assim, Mamãe? Por que Deus me castiga assim?

- Minha querida, você não deve pensar que Deus castiga você, sua mãe respondia, aproximando-se e ajoelhando-se ao seu lado, colocando gentilmente seus braços fortes em torno de seu corpo frágil, para confortá-la. Eu não sei por que você é assim, mas Deus é bom demais para punir e, em Sua grande sabedoria, sabe o que é melhor para nós.

Diante disso a menina suspirava, desejando ter a fé de sua mãe e que Deus lhe mostrasse o motivo de sua deficiência.

Era um belo dia de junho e Emaline desejou, durante todo o dia, poder andar na grama úmida e verde, poder subir no olmo para ver os passarinhos que sabia estarem lá. Quando a Sol se pôs por detrás das montanhas distantes e as sombras começaram a surgir, ela sentia-se muito agitada e desalentada porque lhe era negado o grande privilégio de poder andar.

Depois que sua mãe a colocou na cama, entre os frescos lençóis, ela permaneceu pensando por um longo tempo. Finalmente, ela rezou pondo toda sua alma na prece, pedindo para ser capaz de andar algum dia. Se pelo menos Deus mostrasse porque era inválida, talvez fosse mais feliz, pensou ela.

Emaline não sabia há quanta tempo estava dormindo quando ouviu uma voz dizer-lhe:

- Vem comigo e eu te mostrarei.

Ela não ficou surpresa quando uma figura vestida de branco a tomou pela mão e flutuaram suavemente sobre os vales e montanhas como se estivessem voando, até que chegaram a um lindo palácio branco, circundado por altos muros de pedras.

- Este é o lugar onde você morou um dia, disse a companheira de Emaline.

- Ela deve saber, pensou Emaline e não disse nada, mas apreciou com admiração o cenário ao seu redor.

Uma garotinha estava brincando nas escadas de mármore que levavam ao palácio e, enquanto elas a observavam e aproximou-se uma empregada que levou a criança para dentro do palácio.

Elas seguiram as duas e parecia estranho a Emaline que ninguém notasse a presença delas. Lá dentro estavam damas e cavalheiros muito distintos e uma tal grandeza no mobiliário como a Princesinha Aleijada nunca vira antes.

Na ocasião, a garotinha estava vestida para sair e, junto com a empregada, dirigiu-se e entrou em uma carruagem que saiu em direção ao portão. O condutor estalou seu chicote e elas foram embora.

- Assim, a garota cresceu e tornou-se uma mulher mimada, caprichosa, explicou a guia de Emaline. Observe-a como mulher!

Ela virou-se e viu uma linda mulher que vinha pelo grande portão desse mesmo palácio, andando altivamente em direção à carruagem que a aguardava, entrou nela e foi embora, exatamente com o fez quando menina.

- Vamos segui-la, murmurou a guia.

Elas observaram a carruagem passando rapidamente pelas ruas, todas as pessoas paravam, contemplando-a num silêncio de temor enquanto ela passava. Na face de alguns Emaline viu o desprezo e estremeceu.

- E assim ela segue na vida, negligenciando os membros que Deus lhe deu para andar. Ela não tem a menor simpatia pelos que trabalham pelo seu pão diário. Isto é muito triste; agora vamos voltar para casa, disse a companheira de Emaline.

Na manhã seguinte, a Princesinha Aleijada surpreendeu sua mãe com esta pergunta:

- Mamãe, a senhora acha que já moramos aqui na Terra, antes?

- Oh, sim, querida. Creio que sim, mas por que você pergunta?

- Um dos mensageiros de Deus mostrou-me na noite passada onde eu morava e porque sou inválida, e tudo e por minha única culpa. Oh, mamãe! Vou ser muito boa de agora em diante, Emaline exclamou.

- Que estranho, pensou sua mãe, mas somente abraçou-a e disse:

- Você sempre foi boa, querida, pois ela estava acostumada as singularidades de sua pequena filha.

Assim, enquanto os dias de verão iam passando, a pequena Emaline sentava-se a sua janela e cantava alegremente, olhando as crianças, os pássaros e as flores.

Ela lia histórias para as crianças, enxugava suas lágrimas, e elas encontravam auxílio e simpatia nas mãos da Princesinha Aleijada.

Lágrimas de simpatia rolaram de seus olhos quando um dia, sentada perto da janela, viu um passarinho com uma asa quebrada cair bem abaixo de sua janela. Sua mãe o salvou e juntas ataram a asa quebrada e cuidaram do passarinho até que ele ficou novamente bom.

Um dia, um médico famoso veio à cidade onde Emaline morava e sabendo da existência da Princesinha Aleijada que possuía um coração terno, veio vê-la. Quando estava sentado numa grande cadeira, de frente para Emaline, perguntou a ela, numa voz cheia de amor e compreensão, o que significaria para ela ser capaz de andar.

- Oh, senhor, ela murmurou, estou muito feliz como sou, mas seria maravilhoso poder andar. Aí eu poderia ir a todos os lugares, ajudando as crianças que necessitassem de ajuda. Há muitas assim, o senhor sabe.

Os olhos do médico estavam muito ternos enquanto olhava para a menina e ele lhe disse que voltaria pela manhã.

Durante a noite, Emaline abriu seus olhos em admiração para a figura toda de branco que estava ao lado de sua cama.

- Não tenha medo, ele disse, eu sou o médico e vim na qualidade de Auxiliar Invisível, em meu corpo espiritual, para curá-la. Eu posso deixar a meu corpo físico, como você vê, mas devo retornar a ele pela manhã.

Ela adormeceu imediatamente e só acordou na manhã seguinte. Lembrou-se, então, do que vira a noite e, descobrindo-se, colocou suavemente o seu pé no chão e ficou parada alguns minutos, com medo de se mover.

- Eu posse andar! Ela disse.

Parecia haver agulhas e alfinetes picando o seu pé, mas ela prosseguiu valentemente e colocou sua mão nas costas de uma cadeira, para apoiar-se. Deu primeiro um passo, parou, deu outro passo até chegar a sua cadeira que estava perto da janela onde se sentou, tremendo de excitação, e foi lá que sua mãe a encontrou. Admiração, Fé, Alegria estampavam-se no rosto de sua mãe, quando a viu sentada em sua cadeira. Emaline logo a convenceu que podia andar e com a ajuda de sua mãe praticou alguns passos, indo da cama para a cadeira, até que ficou exausta e sua mãe aconselhou-a a descansar até que o médico chegasse.

Foi com um rosto brilhando de amor e gratidão que ela relatou ao médico tudo o que ocorrera desde que ele partira no dia anterior e como ele veio a ela durante a noite.

Grande foi a alegria quando se espalhou a notícia de que a Princesinha Aleijada podia andar.



OS ESPÍRITOS DA PRIMAVERA

B. Coursin Black

Tita estava brava. Tita estava muito brava. A ideia da lição de música hoje! Em um sábado, tantas coisas a fazer, e lá fora o Sol, dourado como o coração de uma margarida. Assim, Tita escapou para fora e escondeu-se no pequeno bosque à beira do riacho.

Ela deitou-se na terra úmida. O riacho cantava para ela. A canção do riacho era borbulhante e alegre. Tita sentia-se agora em paz e feliz. Ela olhou fixamente para as nuvens que pareciam de nata e desejou cavalgá-las.

Então, surgiu a música. Tão sutil, tão doce, que ela pensou que fosse uma abelha grande, preguiçosa. Mas não, era diferente. Ela virou a cabeça. Depois, olhou fixamente.

A criatura era minúscula como um minuto. Toda de verde brilhante, com cabelos amarelos como um manto tênue. E ela estava tocando! Tocando um violino de duas menores folhas de grama que já existiram. Tita esfregou seus olhos.

- Ah! Finalmente você pode me ver!

A voz da criatura tilintou como um cubo de gelo num copo que você agita.

Tita olhou mais firmemente. Mas ela estava cheia de admiração.

- Meu nome? Seeba, a menina duende disse, como se estivesse lendo o pensamento de Tita.

- Mas – o que – o que, por quê? – Tita falou finalmente, seus olhos muito abertos.

- Ninguém jamais me vê, Seeba leu seus pensamentos novamente, a menos que esteja em sintonia com o espírito da Primavera.

Tita abriu sua boca para mais perguntas. Mas Seeba sorriu e acenou sua mão.

- Venha, ela disse, eu lhe mostrarei.

Subitamente, Seeba ficou alta, até que se tornou tão alta quanta Tita. Elas estavam numa grande floresta. Havia árvores monstruosas ao redor, colinas e um rio barulhento, apressado, tão largo que não se via a outra margem. Tita olhou em torno, amedrontada.

- Não, disse Seeba, tudo é o mesmo. Você apenas tornou-se do meu tamanho. As árvores são apenas gramas, as colinas são torres de terra. E veja o pequeno riacho.

Ela apontou para o rio rugidor e impetuoso.

Seeba pegou sua mão. Elas andaram pelo estranho lugar até que chegaram a uma caverna. Tita continuou pensando. Tinha tantas perguntas a fazer. Mas estava tão ocupada olhando para as coisas. Um rochedo monstruoso estava perto da caverna. Era azul e brilhante.

- Lembra-se da conta azul que você perdeu? - perguntou Seeba, tocando a rocha gigante e sorrindo diante da expressão de surpresa de Tita.

De repente, Tita gritou. Uma cobra enorme passou contorcendo-se. Seeba disse gentilmente:

- Uma minhoca: Ela leva embora os cascalhos e enriquece a terra de maneira que as flores possam crescer.

Elas chegaram a um tronco que atravessava o túnel.

- A raiz de uma violeta, explicou Seeba.

Ela desdobrou asas sedosas que Tita nunca tinha visto. Juntas elas voaram por cima da raiz.

Tita não podia ver mais nada. Estava escuro como tinta. Então, ela percebeu um leve brilho prateado que se tornou cada vez mais brilhante. Pássaros que voavam pareciam reluzir com a Luz.

- Pirilampos, disse Seeba. Nosso sistema de iluminação.

Depois elas viram uns homenzinhos muito estranhos, vestidos de marrom, com baldes vazios.

- Gnomos, a duende disse a Tita. Eles colhem o orvalho nos baldes e molham as raízes.



Depois apareceu uma fileira de criaturas delicadas como Seeba. Algumas eram cor-de-laranja, outras cor-de-rosa, algumas verdes. Elas traziam baldes cheios de orvalho que derramavam em algumas raízes.

- Espíritos da Primavera; disse Seeba, como uma guia num ônibus de turismo. Hoje elas estão com preguiça e muito atrasadas.

- Você é uma Fada da Primavera? – perguntou Tita.

Ela estava ainda com medo das coisas. E sua voz parecia tão fraca quando ela falou.

- Oh, sim. Eu fui para o Sul, durante todo o inverno.

Voltamos para o Norte num trem de nuvens, poucas semanas atrás,

De repente, ela parou. Ficou pálida e começou a tremer.

- A Rainha, ela disse rapidamente. Irá punir-me.

Se eu pudesse me esconder em algum lugar. Mas é muito tarde.

Um clarão ofuscante de luz amarela brilhou contra os olhos de Tita e, diante delas, estava uma visão encantadora. Ela era mais alta que Seeba e usava um vestido verde brilhante que resplandecia em todas as cores do arco-íris. Seu cabelo era de cor azulada, mas não parecia estranho. Tita pensou que nunca vira um ser tão lindo.

Mas os olhos da Rainha estavam lampejando.

- Você não veio para exercitar, disse a Rainha, olhando para Seeba. Você fugiu para brincar. Bem, por esse motivo você ficara na caverna toda a noite e não subirá para as nuvens. E tocará seu violino a noite toda.

Seeba começou a implorar.

- Vai chover esta noite, querida Rainha, ela disse em prantos. Eu adoro cavalgar as gotinhas de chuva, e haverá tantas novas Fadas chegando.

Uma das grandes cobras apareceu. Tita esqueceu-se que se tratava apenas de uma minhoca. Começou a correr cada vez mais rápido. E, de repente, estava fora, ao Sol. Sozinha. Esfregou seus olhos e olhou a sua volta.

Devia ser muito tarde. O Sol já quase se escondia. Nuvens escuras estavam se formando. Tita não esperou.

Correu para casa.

Naquela tarde, Tita tocou seu violino. Sua mãe tocou piano. Papai lia seu jornal e seu irmão Jan estava lustrando uma luva de beisebol.

Então, Tita ouviu a música. Era leve e doce como os sinos das fadas.

- As Fadas da Primavera, ela disse, ansiosamente.

O irmão Jan a olhou e suspirou.

- Ah, ele resmungou, está chovendo. Não poderemos jogar amanhã.

Tita empinou o nariz para ele. Como um garoto podia saber? Mas ela entendeu. As Fadas da Primavera estavam vindo como toda a força. Agora toda a glória da primavera irromperia para fora. As florestas e os campos sentiriam a magia. Ela desejou saber se Seeba estaria cavalgando as gotas de chuva. Ou se ela deveria estar na caverna, exercitando. Tita pegou seu violino e começou a tocar, outra vez. Intensamente.



O SONHO DE BETTY

Esther Tobiasson

Betty tinha sido rude e Mamãe lhe ordenara que se sentasse no grande sofá e pensasse se gostaria de ser tratada como havia tratado sua irmãzinha menor. Mas Betty não sossegou até que caiu num sono profundo.

Aliás, uma das razões porque estava mal humorada era que estava cansada e com sono, pois não obedeceu a sua mãe e não foi dormir na noite anterior quando sua mãe mandou.

Subitamente, Betty ouviu algo ressoar, como uma matraca e, ao olhar para cima, o que você acha que ela viu? Um homenzinho, não mais alto que o pé dela e em sua mão segurava um estranho cordão de contas como Betty jamais vira. Ela pensou que as contas tinham uma aparência interessante, mas não pensou que aquele homenzinho engraçado tivesse algum assunto para assim acordá-la e, então, ela lhe disse:

- Você certamente não é um homenzinho educado.

Mas o pequeno homem ao invés de responder-lhe, acrescentou outra conta ao cordão que tinha em suas mãos. Betty notou que essa conta não era muito bonita.

Era de cor avermelhada, mas ao invés de ser clara como eram as outras contas do cordão, era escura e de aparência turva.

Apesar de Betty ter decidido não falar mais com o homenzinho, desejou saber por que ele escolheu uma conta tão feia e perguntou:

- Por que você não escolheu uma conta bonita para juntar ao cordão?

E, então, o que você acha que aconteceu? O homenzinho olhou para cima e ele tinha no rosto uma expressão muito triste quando respondeu:

- Eu gostaria de colocar no cordão só as contas bonitas, mas você não me deixou fazê-lo.

- Eu não deixei? Exclamou Betty com grande surpresa - O que eu tenho a ver com sua escolha de contas?

- Não, respondeu a homenzinho, você não me deixou.

- Mas eu nunca o vi antes, e nem quero essas contas porque você misturou as bonitas com as feias, disse Betty.

O homenzinho olhou novamente para ela, muito triste, e disse:

- Eu sinto muito, senhorita Betty, mas essas são as suas contas. Quer saber como elas se tornaram suas?

- Sim, disse Betty, você quer me contar?

- Bem, começou o homenzinho, é uma longa história, mas já que fui tão rude a ponto de acordá-la, talvez seja melhor contar-lhe. Começarei pelo início do cordão.

Você vê essa linda conta pequenina, uma pérola rosa suave?

Sim, disse Betty, eu a acho muito bonita. Gostaria que todo o cordão fosse assim. Como é que essa pérola se tornou minha?

- Você se lembra de uma vez, quando era bem pequenina, que sua mãe lhe pediu para guardar os brinquedos de sua irmãzinha e você respondeu: “Sim, mamãe querida, eu os guardarei”.

Mas Betty não podia se lembrar. Isso aconteceu quando ela era muito pequena.

Mas o homenzinho disse:

- Não importa se você pode lembrar-se disso ou não, porque essa pequena conta é o registro de sua boa ação e é bonita porque você tornou sua mãe feliz.

Betty sentiu-se contente por ter merecido uma conta tão bonita e com isso ter feito sua mãe feliz. Mas, aí ela percebeu que a conta seguinte era escura, de aparência esverdeada. Outra vez a homenzinho ficou triste e prosseguiu em sua história.

- Uma vez, quando sua tia Edna trouxe um lindo brinquedo para sua irmãzinha, você tirou-o dela porque você o queria só para si, e toda vez que você sentir inveja ou ciúme, você ganha uma conta escura, turva, de cor esverdeada.

Betty sentiu vontade de chorar e estava muito triste por ter tomado de outra pessoa o que não lhe pertencia. Entretanto, não se atreveu a chorar porque teve medo que a homenzinho pudesse juntar mais uma conta feia ao seu cordão. Mas, oh! A pedra seguinte era adorável, uma gema vermelha, clara e tão bonita que Betty sabia tratar-se de um rubi verdadeiro. O homenzinho parecia ter lido seus pensamentos, pois respondeu:

- Sim, com efeito, é um rubi verdadeiro. Uma vez você evitou que um gatinho fosse agredido por um cão enorme. Você também teve medo do cão, mas não deixou que machucasse o gatinho e, então, porque você foi corajosa e tentou proteger o mais fraco, é que você ganhou essa linda conta.

Betty lembrou-se dessa vez. Ela realmente sentiu medo do cachorro grande, mas sabia que o gatinho estava em perigo e, oh, como foi gratificante! Ele se aconchegou em seus braços e ronronou seu agradecimento.

A próxima pedra do cordão era um enorme âmbar cintilante. Betty teve certeza de que devia ser o registro de alguma coisa boa e esperou que a homenzinho lhe falasse sobre ela, pois fê-la sentir-se muito feliz em saber que todas as boas ações que realizou não foram esquecidas.

Desta vez, quando o homenzinho começou sua história, ele sorriu e perguntou a Betty se ela se lembrava de como devia escovar seus dentes todos os dias, respirar profundamente e comer as coisas que a mantinham forte e bem-

disposta. Betty lembrou-se, como também se lembrou de que havia decidido surpreender sua mãe por não ter que repetir a mesma coisa diariamente. Então, o homenzinho lhe disse que enquanto ela cuidasse bem de seu corpo, a conta de âmbar se tornaria cada vez mais bela.

E aí aconteceu algo estranho: o homenzinho desapareceu de sua vista, o cordão de contas pareceu espalhar-se de tal forma que todas as cores estavam em volta dela e, então, ela ouviu uma vozinha dizendo:

- Se você quiser só belas contas no cordão de sua vida, lembre-se de dizer todos os dias:

"Hoje bons pensamentos terei,

Farei sempre uma boa ação,

Com todos os seres vivos, gentil serei;

Puro como uma rosa branca será meu coração,

E em todas as coisas, a Deus verei".



CORNÉLIA E AS FADAS DAS CORES

Hasmick Vee

Num agradável dia de verão, a pequena Cornélia brincava com suas bonecas no seu cantinho predileto, debaixo dos frondosos ramos de uma enorme ameixeira que ficava numa extremidade do longo e ajardinado quintal de sua casa. Muitas e espessas moitas de certa planta de cores bastante variadas, assim como as mais diversas flores, tornavam aquele recanto convidativo, e Cornélia gostava de imaginar que as pétalas daquelas flores eram asas de fadas. E cantarolava alegremente enquanto arranjava suas bonecas em torno do robusto tronco da ameixeira amiga. Alguém, contudo, havia abandonado um espelho ali, sobre a grama. Tomando-o entre os dedos Cornélia notou ao longo de seus convexos ou recurvados bordos algo assim como as cintilações das várias cores de um arco-íris.

"Oh!" - exclamou admirada - "O que aconteceu?".

Movendo, então, o espelho de um para outro lado, para frente e para trás, descobriu que a luz do Sol é que causava aquele efeito multicolorido em seus bordos. Cornélia sentou-se e pôs-se a examinar o seu achado, atônita ainda pela descoberta do pequenino arco-íris, que aparecia e desaparecia ao menor movimento. Nisto uma risada miúda e cristalina flutuou e escorregou pelo ar, e do meio do riso uma vozinha musical falou:

"Diremos tudo se você aceitar uma brincadeira nossa!".

Cornélia não coube mais em si de espanto ao ouvir aquela vozinha. Sua boca assemelhava-se a um "O", e seus olhos castanhos a dois "Os". E olhava e fitava insistentemente a minúscula figura que se postava frente a ela. Sabia tratar-se de uma criaturinha do mundo das fadas, mas dificilmente podia acreditar naquilo que seus olhos viam. Finalmente decidiu falar:

"Quem e você?"

"Eu" - respondeu o pequeno ser - "sou a Rainha das Fadas das Cores".

E de fato era, pois uma graciosa e elegante coroa podia ser vista sobre a sua cabecinha, e em uma de suas mãos uma varinha de condão dourada.

"Eu não sabia que existiam Fadas para as cores" – disse a menina, sentindo-se agora mais à vontade.

Ah! "sim?" - sorriu a Rainha das Fadas - "Nós somos em grande número, ainda que as pessoas raramente nos vejam. Mas veem o trabalho que fazemos em toda parte e no mundo inteiro".

"Que tipo de trabalho?" – indagou Cornélia com ansiedade.

A esta altura um invisível coro de argêntas vozes cantou em resposta:

"Nosso afã é divertido,

nosso afã é divertido,

pois nós fazemos o mundo

mais alegre e colorido!"

"Veja" – explicou a Rainha das Fadas - "nós combinamos e distribuímos as cores que existem nas flores, nos frutos, nas folhas, e em tudo o que existe em volta de você. Vamos a toda parte e estamos sempre pensando na melhor maneira de tornar o mundo o lugar mais belo e colorido em que se possa viver. Gostaria de ver alguma coisa desse trabalho?".

"Oh! adoraria" – respondeu Cornélia, batendo palmas de alegria.

"Ótimo!" - disse a Rainha das Fadas - "Então vamos começar a brincadeira. Mas deixe-me, primeiro explicar-lhe como se forma um arco-íris: a luz do Sol é branca, ou é o branco mais puro que existe em nosso universo, ainda que na realidade ela apareça aos olhos em sete diferentes cores. Quando a luz branca é dividida, conforme aconteceu no seu espelho ou conforme aconteceu nos céus após uma chuva, então você pode ver cada cor separadamente, formando uma faixa de sete cores. Nós combinamos essas sete cores de maneiras as mais diversas para formar uma grande variedade que você pode ver em volta de si, na Natureza". Aí, então, a Rainha ergueu a sua varinha e ordenou: "Vermelho e Azul, venham. Vamos começar a brincadeira".

Imediatamente duas pequeninas fadas – uma toda vestida de azul, a outra toda de vermelho – apareceram, inclinando-se gentil e elegantemente para a Rainha e para Cornélia. Então a Vermelho adiantou-se e se postou em frente à Azul, surgindo da união das duas a cor violeta.

"O que você já viu com essa cor?" – indagou a Rainha dirigindo-se à menina.

"Oh! eu sei: uvas, ameixas, uma flor chamada violeta e algumas outras flores", respondeu a garota prontamente.

"Certo" – confirmou a Rainha das Cores.

"Agora chamarei o Amarelo. Sr. Amarelo! Sr. Amarelo! Esse é um camarada muito engraçado".

"Eis-me aqui, aqui estou!" respondeu uma alegre voz, enquanto uma figurazinha toda vestida de amarelo aparecia.

"Oh!" – exclamou Cornélia – “você tem ao mesmo tempo a cor da luz do Sol, dos limões maduros e dos botões-de-ouro!”.

"Que combinação engraçada! Mas você tem razão, senhorita Cornélia. Você tem razão" - concluiu com uma sonora risada.

"Ué! como soube meu nome?" – indagou a menina mostrando surpresa.

"Ah! Nós somos sábias, nós somos sábias, ainda que não sejamos grandes em estatura" – respondeu o Sr. Amarelo, rodopiando velozmente na ponta do dedão do seu pezinho direito.

A seguir o gaiato Espírito da Natureza pôs-se em frente ao Vermelho, e dessa junção surgiu a cor: "Laranja!" - gritou Cornélia.

"Você está, agora, da cor de uma laranja!".

"A cor das cenouras e das morangas também. Agora vou me colocar em frente ao Azul".

"Agora você ficou verde como a grama!" - disse a menina.

"E as árvores, e as plantas, e muitas verduras que comem os seres humanos são também verdes, conforme você sabe", acrescentou a Rainha das Fadas.

"Espero que você tenha gostado desta brincadeira e ao mesmo tempo aprendido algo a respeito das cores".

"Sim, sim, gostei e aprendi. Muito obrigado!" - disse Cornélia.

"Vocês poderiam voltar e ensinar-me mais sobre cores?".

"Voltamos" - respondeu graciosamente a Rainha das Fadas. "Mas por enquanto precisamos dizer "Adeus", porque temos muitos lugares a visitar e muita coisa a fazer. Preciso ver se todos os meus auxiliares estão trabalhando de acordo. Assim cumpro minha tarefa, a qual, como você já sabe, é fazer do mundo o mais belo e colorido lugar em que as pessoas possam viver e alegrar-se".

Cornélia ia começar a falar, mas antes que pudesse dizer alguma coisa já as minúsculas criaturinhas haviam desaparecido.

Teria sido aquilo um sonho? Não. Ela estava convencida de não ter dormido. Além disso a Rainha das Fadas havia prometido voltar para ensinar-lhe mais acerca do maravilhoso mundo das cores.

Cornélia, então, olhou em volta, e viu outra vez o espelhinho. E tomando-o mais uma vez entre as mãos pensou:

"Agora sei de onde vêm essas tão lindas cores!".



Ó, FADA, DIGA-ME!

Cyril Vernor

Ó, Fada Azul! Ó, Fada Branca!

Diga-me onde todas as noites você vai brincar.

Muitas vezes no vale eu ouço o som

Das muitas fadas que vão lá dançar.

Ó Fada Vermelha! Ó, Fada Verde!

Qual o nome de sua Fada Rainha, por favor.

Eu a vi numa noite, rápida passando,

Num raio de luz e de amor.

Ó, Fada Amarela! Ó, Fada Marrom!

Quando a lua se põe, para onde vocês vão?

Por espaços distantes vocês vão viajar,

E de esconde-esconde na estrela mais próxima vão brincar?

Ó Fada Violeta! Ó, Fada Cinza!

O que vocês pensam durante todo um dia?

Vocês sonham com o esplendor do luar,

Ou com a aldeia verde onde irão brincar?



O JARDIM NA PRIMAVERA

Grace Evelyn Brown

O jardim estava agradável, naquela ensolarada manhã de primavera quando Florence, mal terminado o café, correu a ver as sementes que plantava. Precisava saber se tinham brotado durante a noite. As sementes de ervilha que foram plantadas quando a neve ainda cobria o chão, essas já haviam brotado, erguendo já seus ramos a boa altura. Os brotos de amor-perfeito também já deviam estar despontando por esse tempo.

Florence procurou-as com ansiedade. Sim, lá estavam! Cada tenra haste projetava duas pequenas folhas, e algumas apenas se divisavam surgindo à superfície.

Quão maravilhoso era tudo aquilo! Florence dava qualquer coisa para poder ver o que se passava debaixo da terra, pois muitos milagres deviam acontecer ali para que essas sementes se transformassem em trepadeiras, arbustos e flores. Debaixo do solo, continua e silenciosamente, as duras sementes tornavam-se macias e se abriam, permitindo nos pequeninos filamentos vicejantes projetarem-se para a luz.

Tudo no jardim estava repleto de vida, uma formosa vida que se mostrava a si mesma na mais variada vegetação que brotava da terra. A grama era verde-amarelada, e as árvores, arbustos, plantinhas e trepadeiras projetavam milhares de delicados apêndices da mesma cor. Olhando mais próximo, Florence podia ver que tudo estava sendo preparado para o maravilhoso florescer que se aproximava naquela mesma primavera. As cerejeiras carregadas de botões, parte rosa, parte brancos, aguardavam o momento para abrir suas flores e, a seguir, exibir seus frutos. As macieiras também já mostravam seus botões. E os pés de morangos, de groselhas e de framboesas

igualmente se preparavam para a bela estação das flores, e para a colheita de frutos que se seguiria.

Diariamente Florence pensava sobre as maravilhas da primavera, e ansiava pelos dias em que esses preparativos da Natureza alcançavam seu ponto culminante. Muitas vezes ela voltava a olhar as plantas, a ver se haviam crescido mais um pouco, e de todas as vezes não conseguia notar grandes mudanças.

"Mesmo assim suponho que elas crescem o tempo todo" disse de si para si - "e até pela noite a dentro. Vê-las-ei novamente amanhã de manhã, e talvez descubra que elas tenham crescido um pouco".

Florence adormeceu naquela noite com esses pensamentos. Despertou a certa altura vendo claridade da lua infiltrando-se pela janela.

"Está tão claro" – pensou. "Acho que é bom ir até ao jardim ver se já cresceram um pouquinho". Enfiou-se, pois num roupão de banho e calçou os chinelos de feltro. Nunca antes havia saído ao jardim a estas horas, mas agora, de algum modo, ela se sentia diferente. Sentia-se tão cheia de vida que desejava fazer algo.

O jardim estava lindo, com a Lua ao poente e uma tênue luminosidade ao nascente, sugerindo à Florence que a aurora despontava. Primeiro de tudo ela correu a ver os brotos de amor-perfeito. À luz do luar mal podia distinguir aqueles dos outros que havia examinado na tarde anterior; mas percebeu que haviam crescido um pouquinho durante à noite.

Ao se erguer para regressar, porém, a menina ouviu uma vozinha ao seu lado. Olhou, e então percebeu ali uma estranha criaturinha cor verde-claro, usando um pequenino capuz verde que mais parecia uma pétala sobre os seus olhinhos oblíquos e orelhinhas pontudas. Tinha um narizinho arrebitado, e

seus lábios sorriam em afável cumprimento. Seu corpo era pequeno, mas maciço e seus braços e pernas muito miúdos eram cobertos por uma película verde muito colante, que mais parecia pétalas de flores.

"Oh" – exclamou Florence. "Você deve ser um elfo! Sempre quis ver um. Tenho visto desenhos de você e de seus amigos em meus livros".

"Sim" – gargalhou o elfo. "As pessoas nos desenham e escrevem histórias e versos sobre nós, mas na realidade essas pessoas não acreditam que existamos. Para elas somos apenas fantasias".

"Eu acredito em você!" – afirmou a menina - "Sempre acreditei em sua existência e sempre esperei vê-lo um dia".

"Creio no que diz" – respondeu o elfo - "Está é a razão porque me tornei visível a você".

"Agradeço-lhe por isso".

"Olhe, as crianças creem em nós, e isso permite que elas nos vejam" – explicou o elfo - "mas não há necessidade de aparecermos aos adultos que não acreditam em nós, porque, assim, ainda que eles nos vissem, simplesmente não acreditariam em seus olhos, e diriam isso as crianças, e ficaríamos assim impedidos de aparecer a essas mesmas crianças, porque elas nos negariam igualmente".

"Creio, também, em fadas e duendes". – disse Florence.

"E em gnomos? Já viu algum?"

"Não, nunca" – ela admitiu.

"Gostaria de vê-los?"

"Oh! sim, gostaria imensamente! Por favor, mostre-me ao menos um".

"Os gnomos vivem debaixo da terra, e lá permanecem a maior parte do tempo. Provavelmente esta é a razão porque você ainda não viu nenhum".

"Como os mineradores?"

"Exatamente. Na verdade, eles são os mineiros do nosso reino". – esclareceu o elfo. "Eles trabalham com os minerais: o carvão, a terra e as pedras preciosas".

“Posso levá-la a vê-los, mas primeiro você precisa crer que a terra em que você pisa é, como se fosse, um nevoeiro, ou uma espécie de fumaça transparente. Você está, agora, em seu corpo de sonhos, e pode penetrar na terra tão facilmente como se penetrasse num nevoeiro. Pense apenas que a terra é uma enorme nuvem. Olhe para baixo, além do chão, e aí poderá ver tudo o que está acontecendo. Procure as sementes que você plantou, Onde estão?"

"Aqui!" – gritou Florence entusiasmada, voltando-se para o lado em que uma leira de flores havia sido plantada não fazia muito.

"Olhe bem ali embaixo" disse o Elfo apontando em frente - "e você verá um gnomo ocupado, abrindo sementes para que elas possam brotar, e afofando a terra em volta a fim de que o brotinho espiralado possa sair à superfície. A semente vai desaparecer, mas a plantinha sairá à luz. Tudo isso seria impossível de acontecer sem a colaboração dos gnomos".

Florence olhava o gnomo atentamente. Ele era, de fato, uma criaturinha extraordinária, mais do que engraçada, parecendo-se com um velhinho de longas barbas brancas. Vestia-se de marrom – marrom cor da terra – e usava um pequeno e pontudo capuz, também marrom. Seus dois olhinhos verdes não

paravam em suas órbitas, e seus dedinhos igualmente marrons manuseavam as sementes com grande habilidade, virando-as em diferentes posições.

"Para que isso?" – perguntou Florence.

"A maioria das pessoas não sabe plantar: geralmente se esquece de deixar livre (ou fofa) a terra no lugar onde a plantinha vai brotar" – explicou o elfo. "Os gnomos precisam, então, arrumar as sementes na posição correta, assim como algumas vezes fazemos com os ramos das trepadeiras que tomam a direção errada".

O gnomo mantinha-se ocupado em seu trabalho. Dentre seus ágeis dedinhos as sementes começavam a se abrir e os brotos a despontar rumo à superfície do solo.

"Olhe aquelas palmas-de-santa-rita" – disse o elfo cruzando o caminho para o outro lado do jardim - "Foram plantadas por você no último outono. Veja-as agora!"

Outros gnomos ocupavam-se naquele lado com outras sementes e plantas, preparando-as para o verão, tratando-lhes os brotos ou lhes desimpedindo a saída.

"As pessoas pensam que fazem tudo quando lançam uma semente ao solo, e que a Mãe Natureza apenas faz "o resto", que creem ser uma pequena parte. Na verdade, é a Natureza que faz quase tudo. E como? Servindo-se de milhões de auxiliares. Olhe só embaixo daquela gleba e veja quantos gnomos são necessários para se fazer um pequeno gramado".

Florence olhou para baixo e viu muitos gnomos: um exército deles, todos trabalhando com a terra e com as raízes. E trabalhavam todos juntos, no mesmo ritmo, como se fossem um só operário.

"E a isso que chamam equipe, no seu mundo" – observou o elfo.

"É como na escola!" – replicou Florence.

"Sim" – confirmou o elfo. "E tem, também, um professor, um chefe gnomo. Vamos agora naquela árvore ali. Mesmo quando uma árvore está crescida os gnomos precisam trabalhá-la constantemente, esticando suas raízes, ou alongando-as mais dentro da terra, a fim de que sugue dali mais e mais vida".

Quando haviam alcançado a enorme árvore, nos limites do jardim, Florence olhou para baixo e pode ver suas longas raízes e uma enorme quantidade de homenzinhos marrons, todos ocupados com as raízes e a terra, enquanto próximo a eles, mas na parte superior, uma multidão de elfos fazia a grama crescer.

"Eu nunca soube antes que as coisas foram feitas para crescer. Só sabia que cresciam". – observou Florence.

"Mas como poderia uma planta crescer – indagou o elfo – se alguém não lhe proporcionasse as condições apropriadas ou não lhe desse o necessário alimento? Os jardineiros não pensam nisso. Daqui a pouco as fadas estarão fazendo seu trabalho nos botões, de modo a desabrocharem dali flores e frutos. Por cores nas flores é um trabalho todo especial, e nesse trabalho as hábeis fadas são ajudadas pelos gnomos, também. Esse trabalho é uma verdadeira obra de arte como, por exemplo, pintar as pétalas dos amores-perfeitos ou das encantadoras linhas das orquídeas".

"Quão maravilhoso é tudo isso!" – exclamou Florence - "e como eu gostaria de poder ajudá-los!".

"Você pode ajudá-los" – respondeu o elfo. "Todas as vezes que você irrigar as plantas estará ajudando. Você pode ajudá-los, também, amando-os. Não sabia que o amor faz tudo crescer melhor? Sim, tudo: as plantas, os animais e o ser

humano. Mas há ainda outra maneira de você ajudá-los. As chuvas da semana passada levaram de enxurrada bastante terra do jardim. Você pode repor essa terra, pois para os pequeninos gnomos é muito difícil transportar material tão pesado".

"Será isso a primeira coisa que farei ao amanhecer" – prometeu Florence.

"Você é uma boa menina" – disse o elfo - "Agora desça comigo à lagoa e lhe mostrarei certos bebês d'água".

Juntos, os dois escorregaram até a lagoa, e ali, ao longo da margem, o elfo mostrou a Florence uma incontável quantidade de pequenos ovos que começavam a se partir. De dentro deles uma multidão de pequeninos seres escuros – que os seres humanos chamam girinos – saía para a luz. Ajudando-os a sair podia se ver algumas criaturinhas muito lindas, cor verde azuladas, que cintilavam na água como peixes, mais parecendo fadas sem asas. Algumas brincavam com as pequenas ondas, enquanto sua roupagem flutuava na corrente. Outros pequenos seres, estes aéreos, sopravam as criaturinhas de cima para baixo, fazendo borrifos e bolhas de ar.

"Que adoráveis!" – exclamou Florence - "Quem são?"

"As que estão na água chamam-se ondinas, e os que estão no ar chamam-se silfos. Estes fazem as brisas que refrescam os dias quentes".

Naquele momento o sol surgiu no horizonte, lançando luz e calor sobre o jardim e iluminando as árvores, os arbustos, as plantas e as trepadeiras. Tudo parecia tão cheio de vida que Florence não se conteve: "Oh! Nunca pensei antes que tudo isto tinha tanta vida! Exatamente como as pessoas!".

"De fato, tudo vive" – concordou o elfo - "Agora você precisa ir-se, mas recorde tudo isto quando voltar para o seu mundo".

"E você me levará outra noite a ver seu mundo outra vez?" – indagou Florence.

"Claro que sim" – respondeu o elfo. "E agora, adeus. Não se esqueça de irrigar o jardim, quando não chover, e de carregar terra para lá depois das enxurradas".

"Lembrarei isso" – prometeu Florence - "e obrigada por me ter mostrado todas essas coisas maravilhosas".

Ainda era cedo quando ela acordou. E pensava sobre a maravilhosa aventura quando sua mãe entrou, trazendo três coelhinhos brancos.

"Olhe só para isto, querida" – disse ela. "Chegaram esta noite".

"Oh! que lindos, mamãe!" exclamou Florence feliz, tomando os coelhinhos um a um e lhes afagando as orelhas. E, então, revelou:

"Mamãe, um elfozinho levou-me a ver os gnomos, os outros elfos, as ondinas e os silfos todos trabalhando. Mas não me levou a ver uma coelheira. Suponho que ele reservou isso para uma surpresa, para esta surpresa! Que foi uma das melhores deste dia!".



FADAS

Catherine M. Bloom

Na floresta as fadas vivem,
 No pântano elas vivem bem;
Mas eu queria encontrar uma
 Na minha cozinha também.

Se uma fosse minha amiga,
 E o meu desejo atendesse,
Ela a comida faria
 Enquanto o jornal eu lesse

☆☆☆☆☆☆☆☆

COISAS QUE AS FLORES BRANCO-ROSADAS CONTARAM À ELZA

Helen Boyd

Elza adorava sentar-se debaixo da macieira e apreciar as lindas pétalas branco-rosadas. Isto a fazia pensar em belas coisas que ela nunca pensara em nenhum outro lugar.

- Não sei como alguém poderá não amar você, coisa linda - exclamou uma tarde, abraçando a árvore.

- Estamos muito felizes que você nos ame pequena Elza, porque a maioria das garotinhas parecem nem olhar para nós - ouviu alguém dizer.

Ela olhou para cima para ver de onde vinha a voz, e ficou muito surpresa ao ver um Espírito da Natureza olhando através de cada flor branco-rosada.

- Ora, ora! Vocês são fadas - exclamou Elza - Nunca imaginei que vocês morassem aí em cima.

- Moramos onde é belo - respondeu o Espírito da Natureza que falara antes.

- Isso deve ser bonito - suspirou Elza - Gostaria de ser uma fada.

- Mas não é estranho? - Replicou o Espírito da Natureza - Eu estava exatamente desejando ser apenas uma garotinha.

- Oh, você...você gostaria de trocar de lugar comigo? - disse Elza, ansiosamente.

- Teremos que pedir à Princesa das Fadas - replicou o Espírito da Natureza - Aqui está ela! - exclamou, enquanto uma fada, com vestes brilhantes deslizava pelo caminho.

- Princesa das Fadas - disse Elza timidamente - eu desejaria ser fada e há uma fada lá em cima que desejaria ser uma menininha. Você poderia nos trocar, por uma no lugar da outra?

- Você tem certeza de que desejaria ser fada? - perguntou a Fada Princesa, olhando fixamente para Elza.

- Oh, eu adoraria - disse a garotinha com uma expressão de júbilo em sua face.

A Fada Princesa pareceu muito satisfeita e em poucos minutos Elza encontrava-se entre as flores branco-rosadas - uma verdadeira fada- e, em volta dela, estavam outras pequenas fadas ou Espíritos da Natureza.

Elza já se encontrava na madeira há algum tempo quando sentiu sono e começou a se aninhar nas flores para dormir, quando uma fada que estava perto dela sussurrou-lhe:

- Você não pode dormir. Esta é a hora de fazermos o nosso trabalho.

Em poucos momentos, quando todas as estrelas despontavam e a Lua espalhava seus raios prateados sobre a Terra, todos os Espíritos da Natureza saíam das flores e corriam para cá e para lá em tal velocidade que Elza perdeu a respiração só de olhá-las. Ela notou que por onde eles passavam o local irradiava uma nova beleza.

- O que devo fazer Fada Princesa? - ela perguntou - Todos parecem estar ocupados, menos eu.

- Você poderia dar uma chegadinha à casa de campo da velha senhora, na descida da estrada e pôr o lugar em ordem para ela - disse a Fada Princesa com um sorriso.

- Mas, Princesa - protestou Elza - eu quero fazer algo bonito. Limpar uma casa - ora – qualquer um pode fazer isso.

- Bem, Elza - disse a Fada Princesa seriamente - se você vai tornar-se uma fada, deve estar preparada para fazer qualquer coisa que beneficie os outros. Vocês não fazem coisas semelhantes para ajudar uns aos outros no mundo de onde você veio?

- Não exatamente como isso - disse Elza vagarosamente - Sábado eu levei um ramo de lilases a Sra. Medeiros, que tem reumatismo. Eu podia ter lavado os pratos para ela, mas não fiz porque eu...

- Oh, eu entendo - disse a Fada Princesa - Você achou que cumpriu seu dever quando lhe levou as flores.

- Sim - disse Elza - foi exatamente como me senti.

- Bem, tenho certeza que a Sra. Medeiros ficaria muito mais agradecida se você tivesse arrumado a casa para ela - disse a Princesa - Lembre-se, Elza, pequenas coisas como essa são muito mais belas do que fazer coisas que não exigem sacrifício.

- Nunca pensei nisso antes - disse Elza pensativamente - E estou tão feliz, Princesa, que você me mostrou como eu posso ajudar as pessoas corretamente.

- Está ficando tarde, Elza - disse a Fada Princesa - Rápido! Precisamos nos esconder.

Então, ela soprou suavemente uma corneta de prata e imediatamente todos os Espíritos da Natureza começaram a voltar, subindo para dentro das flores branco-rosadas. Pareciam tão engraçados que Elza parou e riu até que lágrimas lhe escorreram pela face.

- Rápido, rápido! - disse a Fada Princesa para Elza - ou vão pegar você.

Mas o aviso chegou muito tarde, pois já vinha em sua direção uma mulher muito velha, apoiando-se numa bengala.

- Quem é a senhora? - perguntou Elza, com muito medo.

- Certamente você me conhece muito bem-disse a velhinha numa voz trêmula

- Sou a velha Sra. Medeiros que mora na descida da rua. Aquela a quem você leva flores de vez em quando. Eu sempre desejei que você me ajudasse um pouco nos afazeres da casa.

- Eu nunca soube disso, Sra. Medeiros, nunca - disse Elza honestamente - Não, até que a Fada Princesa me contou; a primeira coisa que farei pela manhã será ajudá-la. Espere para ver.

- Você tem um bom coração, isso você tem realmente - murmurou a velha Sra. Medeiros- enquanto ia embora, apoiada na sua bengala.

Nesse momento, Elza sentiu algo leve em sua face e acordou, encontrando-se deitada ao pé da árvore, coberta pelas flores branco-rosadas.

- Acho que estive sonhando - disse Elza - olhando para a árvore. Mas as flores somente sorriram e balançaram suas lindas cabecinhas.



O AMIGÁVEL ROBIN

Florence Barr

Tantas coisas interessantes estavam acontecendo no jardim, e cada dia apareciam mais surpresas agradáveis.

Os lindos narcisos, como sinos dourados à luz do Sol, pareciam tinir suavemente quando Rosália e Ricardo passavam por eles. As borboletas alegres, como crianças do ar, voavam de flor em flor e as abelhas zumbiam jovialmente enquanto cortejavam as belas flores.

- Oh, era tão bom estar vivo! Reconheciam as crianças, à medida que passavam através do portão rústico que conduzia ao pomar. Que lindo panorama as saudava! A macieira era uma massa de flores perfumadas – lindas flores com pétalas brancas macias como a seda, salpicadas de cor-de-rosa e os corações polvilhados de pó dourado.

- Ricardo -sussurrou Rosália - estou certa de que se as árvores pudessem falar aquela adorável macieira diria: “Sou linda porque sou feliz”.

- Bem, eu suponho que elas falam a língua das árvores - respondeu Ricardo - mas nós não as entendemos.

- Oh, Ricardo, olhe - gritou Rosália - os pintarroxos voltaram à macieira. Lá está a esposa do Sr. Rubens; sendo assim o Sr. Rubens deve estar por perto.

Nesse momento, bem a seus pés, chilreava o Sr. Rubens como se estivesse querendo atrair a atenção deles. Quando eles disseram: “Lindo Rubens, lindo Rubens, estamos felizes que você voltou” ele cantou para eles e parecia que sua pequena garganta estava quase estourando de alegria.

A macieira balançou suas perfumadas flores, cheia de prazer por ouvir a doce canção do pintarroxo. Os seus galhos baixos, vigorosos, eram os melhores

lugares para se formarem os ninhos e seus ramos cobertos de folhas abrigavam muitas famílias emplumadas.

As crianças olharam e lá, descansando no galho mais baixo da macieira, estava o ninho dos pintarroxos. Parecia uma tigela – a parte de fora coberta com barro, galhos e folhas, todos fixados juntos. Mas, do lado de dentro havia grama e musgo muito macios, de maneira que a esposa do Sr. Rubens ficava muito confortável.

O Sr. Rubens procurava uma minhoca bem gorda para a primeira refeição do dia da sua esposa.

O brilho dourado do Sol inundava a amigável macieira e a árvore estava feliz. Os brotos avermelhados abriam seus corações dourados para o brilho do Sol.

- La vai a esposa do Sr. Rubens - sussurrou Ricardo - Espere aqui, Rosália, enquanto eu verifico se há alguns ovos no ninho.

Um segundo depois, ele disse:

- Sim, há! Quatro preciosos ovinhos azuis-esverdeados!

A esposa do Sr. Rubens voltou voando para o ninho, ralhando e fazendo um grande reboiço. Rapidamente, contou os seus preciosos avos e chamou rispidamente o Sr. Rubens. Como poderia saber que Ricardo não faria mal a seus ovos? Ela tinha passado por experiências tão trágicas que não ousava arriscar-se.

- Anime-se, anime-se - disse o Sr. Rubens - Tudo está bem, ninguém nos fez mal. Eu tenho observado aquele garotinho e ele é amigo de todas as crianças da redondeza. Ele só queria ver nossos preciosos ovos.

Os gritos estridentes e rabugentos da esposa do Sr. Rubens fizeram descer um duende – Elf-kin – dos galhos mais altos da árvore, onde estava trabalhando sobre o grupo mais delicado de botões.

Ricardo estava aborrecido em ver a esposa do Sr. Rubens tão agitada e ficou mais do que feliz ao ver Elf-kin, que era amigo deles e acertaria as coisas com os pintarroxos.

- Bem, bem, vocês crianças criaram uma boa confusão na família dos pintarroxos. Por que tudo isso?

- Oh, Elf-kin, eu não quis cometer mal algum - disse Ricardo - eu só quis ver se havia ovos no ninho.

- Foi o que pensei - disse Elf-kin - Vou apresentá-los à família dos pintarroxos, então vocês se tornarão bons amigos.

Elf-kin falou com o Sr. Rubens e sua esposa e eles entenderam tudo o que ele disse. As crianças do campo e os Espíritos da Natureza se entendem uns com os outros. É muito suave o cordão de amor que os mantém unidos.

Quando a esposa do Sr. Rubens ficou completamente segura de que Ricardo só olhou o ninho por causa de seu amor por ela e na esperança que logo mais os bebês passarinhos pudessem estar saltitando pela relva aveludada, ela gorjeou o mais lindamente que pôde.

Rosália contou ao Sr. Rubens e sua esposa como ela e Ricardo estavam ansiosos esperando por eles, desejando que eles fizessem novamente seu ninho na amiga macieira. Rosália tinha uma natureza tão maternal e sempre dava as boas-vindas aos seus amigos cobertos de penas!



O Sr. Rubens começou a conversar com Elf-kin e confidenciou a ele o motivo pelo qual a sua esposa tinha ficado tão excitada; uma vez, um garoto perverso roubou seus preciosos ovos e ela não sabia o que um garoto sem consciência poderia fazer. Isso fez com que ela se tornasse sempre muito vigilante.

Então, Rosália, Ricardo, Elf-kin e o Sr. Rubens tiveram um ótimo diálogo juntos. O Sr. Rubens disse que ele e sua esposa amavam os meninos e as meninas e sempre cantavam suas mais belas canções para as crianças que os amassem.

- Gostamos de pensar que quando as crianças cantam, muito de nossa alegria vive em suas canções - chilreou o Sr. Rubens - Muitas vezes, quando sabemos que as crianças gostam de nos ter por perto, nós nos tornamos ousados e construímos nossos ninhos bem perto de suas casas. Gostamos de saltitar pelos lindos campos verdes e até mesmo nas soleiras das portas.

O Sr. Rubens, então, gorjeou um gorjeio diferente e Elf-kin o ouviu atentamente.

- Sim - respondeu Elf-kin - estou certo que as crianças gostariam de ouvir a lenda dos pintarroxos de tempos antigos.

- Ha muito, muito tempo atrás - contou o Sr. Rubens - quando o menino Jesus estava aqui na Terra, Ele alimentava os pintarroxos que saltitavam à soleira da

porta da casa de sua mãe. Houve um deles que nunca esqueceu a amorosa bondade de Jesus. Os anos passaram e quando o querido Senhor estava na cruz, esse pintarroxo tentou ajudá-Lo e uma gota de sangue de Jesus salpicou-lhe as penas do peito. É por isso que todos os pintarroxos têm, agora, o peito vermelho. O querido Senhor abençoou o pintarroxo e chamou-o “Pássaro de Deus”. Então, a partir desse dia, nós, os pintarroxos, tentamos sempre cumprir nosso dever. Ajudamos as belas árvores eliminando os insetos e as minhocas que podem danificá-las. Nós nunca esperamos gratidão, mas ficamos felizes por contribuir com uma pequena parte, ajudando a Mãe Natureza.

A esposa do Sr. Rubens estava com fome e chilreou docemente para o Sr. Rubens, que se desculpou. Ele disse ao Elf-kin que seria um pássaro amigo e chamaria as crianças a cada manhã: “Acordem, Acordem”.

Rosália e Ricardo, agora muito felizes porque os pássaros eram seus amigos, disseram até logo para eles e voltaram para o velho jardim com suas muitas flores.

Sr. Rubens voou rapidamente até onde estava sua esposa. Seus corações transbordavam de alegria e eles cantavam uma canção de louvor a Deus – pois Ele é o Deus deles, assim como é também o nosso Deus, como vocês sabem.

A macieira agitou suas belas flores e algumas de suas pétalas delicadas voaram longe, carregadas pela suave brisa.



O PRESENTE DE CELESTIA

Matilda Fancher

Era uma vez, há muito, muito tempo atrás, um Rei muito bom e uma encantadora Rainha que reinavam sobre diversas províncias, as quais visitavam anualmente. Foi anunciado pelo mensageiro do Rei, que O Rei e a Rainha visitariam certa província num certo dia e que aquele que desse à Rainha o melhor presente, seria recompensado por ela de uma maneira apropriada.

Foram feitos planos para receber os ilustres hospedes e grandes preparativos foram iniciados pelas pessoas, cada uma tentando superar a outra no preparo do presente para a Rainha. A vinda do casal real era o assunto da província. As pessoas estavam muito agitadas quando finalmente o dia chegou.

Nessa província morava Celestia com sua avó. A mãe de Celestia passou para o mundo invisível quando Celestia nasceu deixando o minúsculo bebê aos cuidados da vovó. Vovó deu-lhe o nome de "Celestia," porque, disse ela, a pequenina era como uma estrela do céu que veio para iluminar sua velhice. Elas eram muito pobres e quando ouviram as maravilhosas notícias sobre a vinda do Rei e da Rainha, a vovó meneou sua cabeça grisalha e perguntou a si mesma, como elas poderiam presenteá-los.

Celestia, nos seus nove aninhos, nunca tinha visto o Rei e a Rainha; mas ela desejava, com uma intensidade de criança, ver essas pessoas tão distintas e dar-lhes um presente valioso. No dia anterior ao grande evento, ela veio correndo para sua avó:

- Eu o tenho, ela disse excitada, minha pombinha! Minha linda pombinha branca! Vovó, eu quero dar minha pombinha à Rainha!

Mas a vovó balançou sua cabeça.

- Não, minha estrela brilhante, tua pombinha não ficará com a Rainha. Ela voltará para ti. Deves pensar em outra coisa.

Celestia ficou desapontada e triste. Ela sentou-se num banquinho perto da janela, pôs sua cabeça na beirada da janela e começou a pensar. Ela adormeceu, seus cachos amarelos brilhavam como ouro a luz do Sol. Vovó acomodou-se em sua cadeira e também dormiu. Era de tardezinha e vovó sempre tirava uma sonequinha nessa hora. Ela foi acordada por Celestia que puxava seu avental e tocava gentilmente em sua face.

_ Vovó, disse Celestia, suavemente, eu tive um sonho maravilhoso! Eu vi um lindo anjo todo de branco, resplandecente. Sua face parecia um retrato da mamãe. Ela veio e parou em minha frente. Eu me senti tão feliz! Então, ela me disse:

- Dê a Rainha o teu amor, minha filha.

- Eu pisquei os meus olhos, ela foi embora e eu acordei. Não foi um lindo sonho, vovó?

A vovó acariciou os brilhantes cachos de Celestia e respondeu pensativamente:

- Sim, filha, dê à Rainha o teu amor, pois o presente sem a doador é vazio; mas guardarás um pouquinho para a vovozinha, não é?

- Vovó, eu a amo mais que tudo; mas eu preciso escrever a Rainha e contar-lhe como a amo, pois isso é tudo que tenho para dar-lhe. Ela é linda, não é vovó?

Celestia pulou para sua caixa de tesouros onde guardava alguns pedacinhos de papel que eram muito raros e que tinha conservado como um tesouro, por muito tempo. Com uma pena de ganso ela escreveu em rima seu amor e adoração pela linda Rainha. Preencheu algumas pequenas páginas, remexeu

novamente sua caixa de tesouros e encontrou um pedaço de fita azul que vovó lhe havia dado e lhe contara que essa fita tinha enfeitado seu primeiro vestido de bebê. Com a fita azul ela amarrou as folhas juntas.

- Amanhã iremos ver a Rainha, ela disse à vovó, mostrando-lhe as páginas escritas.

O nascer do Sol encontrou-as acordadas e prontas para sair. Celestia estava com uma roupa vermelha com remendos pretos (pois vovó não tinha outro material com que remendar seu vestido) e pesados tamancos, mas com uma face rosada e resplandecente e com seus lindos cabelos bem escovados. Vovó colocou o xale sobre seus ombros curvados, pegou sua bengala e saíram. Não muito longe da sua casa, elas foram alcançadas por um velho amigo que ajudou vovó a sentar-se ao lado dele na carroça e colocou Celestia nas costas de um grande boi avermelhado que puxava a carroça. De repente, Celestia assustou-se com um bater de asas, era a sua pombinha de estimação que pousou em seu ombro e permaneceu com ela na viagem.

Perto da província havia um vilarejo onde o povo construiu um grande celeiro. Esse celeiro também servia como uma casa comunitária onde os fazendeiros, algumas vezes, se reuniam para um festival. As pessoas escolheram o celeiro como o lugar mais apropriado para receber o Rei e a Rainha e o dia encontrou-as vindo de todas as partes da província trazendo seus presentes.

O Sol estava alto nos céus quando, subitamente, houve um tocar de trombetas e dois cavaleiros apareceram seguidos por uma carruagem dourada puxada por seis cavalos brancos. A cabeça dos cavalos estava ornamentada com plumas pretas e borlas douradas.

O Rei e a Rainha saíram da carruagem dourada, seguidos por dois pequenos pajens que seguravam a cauda do vestido da Rainha. A comitiva real

caminhou até o celeiro e sentaram-se numa plataforma parecida com um trono, onde as pessoas traziam seus presentes e as colocavam para inspeção.

"Certamente," pensou o homem mais rico da província, "eu irei obter a prêmio, pois quem poderá dar melhor presente do que eu?" E ele caminhou reto e orgulhoso, para colocar um belo tapete oriental aos pés da Rainha. O valor desse tapete era imenso e as cores esplendidas. A Rainha recebeu o presente com um sorriso e uma benção.

“Certamente, eu obterei a recompensa” pensou uma feliz esposa de um fazendeiro, "pois quem pode cozer no forno melhores pães do que esses?" Realmente, eles tinham uma deliciosa cor marrom dourada, redonda e perfeita na forma. A Rainha recebeu o presente com um sorriso e uma benção.

"Certamente, eu receberei o prêmio," pensou um próspero fazendeiro, "pois não há melhor trigo no país do que este"; e carregou uma braçada de longas espigas amarelas e as colocou próximas aos pães. A Rainha recebeu o presente com um sorriso e uma benção.

Assim, cada um por sua vez, deram a ela os seus melhores presentes. Alguns trouxeram finos trabalhos de agulha. Um homem trouxe um monte de grãos dourados, maiores do que a cabeça de um homem. Outro trouxe um gordo leitãozinho. Um fazendeiro levou seu galo premiado. Uma mulher trouxe flores escolhidas que havia plantado. Um artista, pintor, trouxe sua obra-prima. Todas as artes e habilidades estavam ali representadas. Cada doador tinha certeza que seu presente era o melhor. A cada um, a Rainha deu um sorriso e uma benção.

Celestia, cheia de admiração, temerosa e tremendo, olhava as pessoas seguirem com suas oferendas. Em sua mão, ela segurava sua pombinha e o livreto de versos. Ela observava com olhos ansiosos os magníficos presentes e os trajes dos doadores. Todos vestiram-se no melhor estilo, com suas

vestimentas de festa. E ela sabia que estava a mais pobremente trajada de todos. E seu presente? Ah, que presente pequenino comparado com os demais, ela pensou.

O último presente foi ofertado à Rainha. Celestia ficou bem atrás da porta da entrada, indecisa. Ela era tímida, mal vestida e seu presente tão pequeno! Mas, queria tanto dizer à Rainha como a amava! Ela fechou os seus olhos e tentou ganhar coragem. Por instantes ela viu o anjo e lembrou-se de seu sonho. A pombinha fez **um** movimento em suas mãos. Celestia olhou para seus olhinhos cor-de-rosa e sussurrou em seu ouvido. Ela colocou o livreto em seu bico e abriu sua mão. A pombinha voou diretamente para a Rainha e pousou tão docemente em sua mão que ela nem se assustou. A Rainha pegou o livreto, leu os versos e olhou a sua volta para ver para onde a pombinha tinha voado, em direção à sua dona.

- Você pode vir até aqui, garotinha? Ela perguntou.

Sua voz soou como um sino de prata e seu sorriso era tão convidativo que Celestia perdeu todo o medo e dirigiu-se a Rainha. Ela acariciou seus cachos dourados e disse:

- Que seja anunciado pelo mensageiro do Rei que o maior presente, *que é o amor*, foi realmente dado e a Rainha dará sua recompensa ao doador. Que venham as pessoas e testemunhem a recompensa.

Quando as pessoas se juntaram dentro do celeiro, a Rainha levantou-se e, colocando sua mão sobre a cabeça de Celestia, declarou em uma voz muito clara:

- Quero levar esta menina ao palácio do Rei onde se tornará uma Princesa.

Celestia ouviu essas palavras como se estivesse num sonho, mas lembrou-se da vovó e apressou-se a explicar a Rainha:

- Não posso ir, adorada Rainha, pois vovó ficaria muito só sem mim. Ela necessita de mim.

- Ah, minha filha, você tem um coração adorável. Não tema, vovó irá também, anunciou a Rainha.

Depois que o povo deu a festa, Celestia partiu na carruagem dourada atrás dos emproados cavalos brancos e a Rainha sentou-se tendo de um lado a menina e do outro lado a vovó. Quando chegaram ao Palácio do Rei, Celestia foi levada para um magnifico quarto onde a vestiram com um traje brilhante de cetim e chinelos dourados foram colocados em seus pés - como uma Cinderela! E como Cinderela ela cresceu e casou-se com um Príncipe muito atraente.



AS ESTRELAS BEBÊS

Olga While

Uma vez, uma pequena estrela bebê estava muito, muito triste. Ela não se sentia muito bem e não sabia o que se passava com ela. Então, ela chorou, chorou até que sua mãe, que tinha muito trabalho a fazer, saiu de perto dela.

- Você está projetando escuridão e isso atrapalha o meu trabalho - ela disse, antes de sair. Aprenda sua lição e eu voltarei para você.

Então, a pequenina estrela bebê pensou e pensou.

- Gostaria de saber o que ela quis dizer! – refletiu ela.

Mas, ela aborreceu-se, aborreceu-se e nunca pensou em perguntar a ninguém o que havia de errado consigo. Naturalmente sentiu-se pior depois de ter-se aborrecido. As outras estrelinhas bebê que estavam por perto e pareciam que lhe viravam a cara. Ela estava terrivelmente só.

Sentindo-se desse modo por muito tempo, decidiu que pediria às outras estrelas que lhe mostrassem como ser feliz. Chamou um importante companheiro no céu, perguntou o seu nome e como ser feliz.

- Meu nome é Júpiter - exclamou o importante companheiro - Eu trago saúde, felicidade e fartura para aqueles que me deixam brilhar em seus corações.

- Gostaria de saber como ele consegue isso - refletiu ela. Então, chamou outro.

- Meu nome é Saturno - ele disse. Quando as pessoas me amam, eu as torno resolutas e verdadeiras; se elas não desenvolvem essas qualidades, crescem frias e infelizes.

- Gostaria de saber o que ele quer dizer com isso - pensou a estrelinha e chamou bem alto o nobre Marte.
- O que você faz para brilhar tão intensamente?
- Eu ensino as pessoas a fazerem coisas - respondeu Marte. Quando não me consideram, as pessoas se tornam apáticas.
- E o que você faz? – perguntou a estrelinha para Mercúrio.
- Eu ensino as pessoas a pensar - respondeu Mercúrio. Se não fosse por mim, elas teriam mentes confusas.
- O que você faz? - indagou a Vênus.
- Eu ensino as pessoas a amar - respondeu Vênus. Se não fosse por mim, elas se perderiam no seu caminho e se tornariam egoístas.

Nesse momento apareceu a grandiosa Lua.

- O que você faz? – perguntou-lhe a estrelinha.
- Eu dou as pessoas seus corpos de maneira que possam aprender a encontrar suas almas - disse a Lua. Você já encontrou a sua?



Então, a Lua se retirou de uma maneira majestosa.

- Quem é você? – perguntou a estrelinha a Urano.
- Eu sou a generosidade - respondeu a Urano. Aqueles que me descobrem, descobrem-se a si próprios.
- E qual é o seu nome, e o que você faz? – a estrelinha bebê perguntou a Netuno.
- Eu sou o Amor Divino - respondeu Netuno. Aqueles que me descobrem, descobrem uma pérola de grande valor.
- Todos fazem um trabalho tão valioso - disse a estrelinha.

Ela inclinou sua cabeça, desanimada. E isto, como eu disse a vocês, tomou a estrelinha ainda pior - e ela quase parou de brilhar.

Nesse momento, o grande Sol despontou no horizonte. Então, a pequenina estrela bebê chamou-o com seu último fio de esperança.

- Oh, Sol, diga-me, o que posso fazer?

Então, o grande Sol disse:

- Brilhe estrelinha, brilhe, ou você morrerá!

Assim, a estrelinha emitiu um suspiro profundo e começou a brilhar. Ela formou uma luz tão intensa que o Sol lhe atirou um beijo, Júpiter inclinou-se para ela, e Saturno, Marte, Vênus e Mercúrio acenaram-lhe com as mãos. Também Urano e Netuno pareciam ter entrado direto em seu coração. A pequenina estrela bebê descobriu seu trabalho, finalmente; e ela cresceu tanto que, quando Mamãe voltou novamente, ela estava tão grande e ocupada como a própria Mamãe.



A VESTE TECIDA COM OS PENSAMENTOS DE JANE

D.D. Arroyo

Jane tem seis anos de idade e sua voz estava estridente, cheia de raiva. Gritava e lágrimas escorriam de seus olhos. Seu irmãozinho tinha tirado as lindas chinelinhas de sua melhor boneca e as estava sujando, tentando calçá-las. Sua mãe correu para a sala e vendo a confusão, tirou de lá o irmãozinho de Jane.

— Mamãe, ele estragou as chinelinhas, disse Jane entre soluços. Elas são da minha melhor boneca, e agora estão todas arruinadas. Ele é mau. Eu o detesto.

Ela batia com seu pé no chão, enquanto olhava para seu irmãozinho que começou a soluçar assustado com a reação dela.

Mamãe sentou-se na cama e dando um biscoito ao menino disse, ternamente:

— Jane, eu sinto muito que ele tenha tirado as chinelinhas de sua boneca, mas ele não as estragou tanto assim. Você está errada ao dizer as coisas que disse.

O irmãozinho, feliz com o biscoito, deixou que sua mãe tirasse as chinelinhas da ponta de seus pés. Ele olhava quietamente enquanto sua mãe limpava as marcas sujas de mãos nas pequenas chinelinhas brancas, mas Jane ainda soluçava.

— Mas, Mamãe, ele as rasgou. Agora minha boneca não ficará bonita.

Mamãe olhava para sua filha.

— Jane querida, você não deve ficar nervosa e agitada. Você cria formas de pensamento muito feias quando age assim. São como pequenas flechas caindo por todos os lados que ferem os outros e voltam para ferir você. Você sabe disso, pois já lhe ensinei.

— Mas não posso evitar, Mamãe. É doloroso ver minha boneca estragada. Ela é minha e eu a quero bela, disse Jane, magoada.

Mamãe meneou a cabeça.

— Eu sei que você quer mantê-la bonita, querida, mas seu irmãozinho é muito pequeno para entender isso. Ele não quis fazer-lhe mal. Além do mais, as chinelinhas não estão estragadas. Eu posso consertá-las e elas estão perfeitamente limpas. Está vendo?

Jane olhou hesitante para as chinelinhas e, então, enxugou as lágrimas.

Mamãe continuou:

- Veja Jane é mais fácil reparar o dano físico que foi feito do que reparar o dano que você causou com os seus pensamentos de raiva.

— Mas, Mamãe, protestou Jane, todo mundo fica zangado e diz coisas. Eu não quis dizer que eu — que eu odeio meu irmão, realmente. Eu apenas disse isso.

A menina começou a arrepender-se.

Sua mãe olhou-a gravemente.

— Sim, querida, esse é o grande problema. As pessoas dizem coisas e depois não pretendendo dizer realmente o que disseram, pensam que suas palavras foram esquecidas e que não têm mais importância. Não percebem que nossas palavras criam formas à nossa volta. Quando as palavras são de raiva e significam coisas feias, as formas também são feias. Essas formas não desaparecem como desaparece nossa raiva. Elas sobrevivem e prendem-se a nós. Tornam-se fáceis de serem repetidas e se não pararmos com elas, tornam-se parte de nosso caráter. Pior ainda, essas formas afetam as outras pessoas. Elas as encorajam a fazer coisas más e as tornam infelizes. É errado criar coisas feias quando deveríamos formar modelos de beleza e felicidade.

Jane olhou para sua mãe, envergonhada.

— Sinto muito, Mamãe, de verdade. Tentarei produzir melhor pensamentos-forma — os mais belos!

— Estou certa que sim, querida, disse mamãe, dando a sua filhinha um abraço amoroso.

Naquela noite, depois que Jane foi para a cama, ela teve um sonho que a ajudou a lembrar-se de sua promessa. Em seu sonho ela viu um pequeno anjo, justamente de seu tamanho. O pequeno anjo usava uma longa vestimenta branca e sentou-se numa cadeira. Em sua mão tinha uma roupa. Era um vestido e o anjo estava tecendo desenhos sobre ele. Enquanto ele tecia, muitas coisinhas zumbiam em torno dele.

Algumas dessas coisas possuíam lindas formas e cores, mas outras pareciam-se mais com insetos monstruosos. Eram coisas feias de se olhar. De vez em quando, anjo estendia a mão e escolhia uma das coisas que estava rodopiando em torno dele. Algumas vezes, ele escolhia uma adorável criatura e quando a tecia no vestido, este se tornava muito bonito. Entretanto, outras vezes, ele escolhia uma daquelas coisas muito feias que pareciam insetos e as costurava num lugar ao longo das belas formas que já estavam no vestido.

Em seu sonho, Jane gritava cada vez que via uma forma feia ser costurada no vestido.

— Você está estragando o vestido colocando essas coisas horríveis ao lado daquelas tão belas, ela disse ao anjo.

Para sua surpresa, O anjo inclinou a cabeça e respondeu:

— Sim, e não é uma pena estragar um vestido tão lindo com esses horríveis desenhos?

— Sim, é, concordou rapidamente Jane. Por que você os escolheu para pô-los no vestido? Por que você não coloca somente as belas formas?

O anjo sorriu docemente e disse:

— Isto é o que eu gostaria de fazer. Seria um trabalho muito agradável se somente houvessem belas formas para colocar neste vestido, mas veja, eu tenho que tecê-lo com todas as formas que foram feitas para ele.

— Mas quem o obriga a colocar os feios? Jane perguntou com interesse.

Novamente o anjo sorriu, mas desta vez um tanto tristemente, ao responder:

— Você, Jane. Estes são os seus pensamentos. Esta veste é o símbolo de sua alma. Quando você tem pensamentos amorosos, eu tenho formas maravilhosas para trabalhar. Quando você está com raiva, ou impaciente, diz coisas feias ou faz alguma coisa sem pensar e egoisticamente, então surge uma dessas formas horríveis que devem também ser colocadas no vestido.

Jane estremeceu. Ela estava assustada com a feiura e o número de desenhos monstruosos que estragavam o lindo vestido que o anjo costurava. Ela se sentiu muito infeliz com tudo isso.

— Eu posso me livrar dessas formas feias? perguntou vagarosamente.

O sorriso do anjo era muito luminoso.

— Pode sim, claro, querida Jane. Você pode sempre aprender a controlar seus pensamentos e suas emoções de maneira que eles formem lindas formas e, então, eu poderei tirar esses desenhos tão feios e, em lugar deles, colocar os mais bonitos.

— Então, poderei ter esse lindo vestido para usá-lo como todo meu? perguntou Jane ansiosamente.

O anjo concordou dizendo:

— Você já o tem. É a veste do seu pensamento.

Você o usa através da vida, se você compreender isso realmente. E quando for para o mundo celeste, após ter completado sua vida aqui na Terra, ele vai com

você e aquilo que é bom e nobre nele, torna-se parte de você mesma — seu Espírito.

De repente Jane acordou, O sonho ainda bem vivo em sua memória. Como o anjo era lindo e como brilhavam algumas formas de pensamento que estavam colocadas no vestido! Ela pensou nisso por muito tempo e decidiu tentar firmemente controlar no futuro seus pensamentos.

Quando se sentia mal-humorada, egoísta ou com vontade de ter raiva, ela se lembrava do anjo bordando no vestido os seus pensamentos e, imediatamente, tentava ter bons pensamentos. Tentava não ser egoísta e, também ser paciente.

Algumas vezes ela falhava, mas continuava a tentar, pois sua mãe lhe dissera, “O único erro é deixar de tentar”. À medida que o tempo passava, tornava-se cada vez mais fácil para ela ter bons pensamentos e ela se sentia cada vez mais feliz por isso. O pequeno anjo também estava muito feliz, porque a veste dos pensamentos de Jane estava cada vez mais bonita.

Agora, querido amiguinho, você que está lendo esta história, como está a veste de *seus* pensamentos? É agradável olhar para ela e você acha que o anjo está feliz quando trabalha sobre ela?



MEUS PENSAMENTOS

Patsey Ellis

Algumas vezes, meus pensamentos são fadas joviais,
Que ao redor de um anel dançam,
E, algumas vezes, são pássaros alegres,
Que cantam, cantam e cantam.

Todos os dias meus pensamentos estão ocupados.
Eles saltitam, vagueiam, sempre pulando,
Mas de volta para casa são por mim chamados,
Quando o crepúsculo vem chegando.

E, quando cada noite vou para a cama repousar,
Eu peço aos anjos imaculados
Que meus pensamentos sob suas asas possam guardar,
E na prece, estejam por eles abrigados.

☆☆☆☆☆☆

PRINCESA QUE APRENDEU A SORRIR

Everlyn Van Gilder Creekmore

Era uma vez uma princesinha que morava com seu pai, o rei, num belo reino perto do mar. Certamente, a princesinha seria muito bonita se não estivesse sempre aborrecida e mal-humorada. Havia quase sempre um olhar carrancudo em sua face e ela queixava-se e criticava tudo.

De manhã, quando sua boa ama lhe trazia a primeira refeição numa bandeja dourada, ela ficava com raiva, mesmo que houvesse coisas deliciosas para ela comer.

- Leve-a embora! Ela gritava - batendo o pé e empurrando a bandeja - eu não quero aveia. Por que você não me trouxe trigo fervido? E olhe para essa torrada. Não está bem tostada. Eu não gosto do pratinho no qual colocaram o meu ovo. Leve tudo embora e traga o que eu quero.

Durante todo o dia ela dizia coisas desagradáveis para todas as pessoas a sua volta e reclamava de tudo. Mesmo quando o rei lhe dava um presente, em vez de agradecer, ela resmungava e perguntava por que ele não trouxera alguma coisa mais.

No mesmo reino, viviam alguns anõezinhos que gostavam muito do rei. Eles viam o quanto o rei ficava triste pelo mau comportamento da princesa, pois ele amava sua filhinha e queria vê-la feliz. Por isso, os anões decidiram que toda vez que a princesa estivesse mal humorada e hostil, ou tivesse maus pensamentos, eles plantariam uma semente no declive da montanha, não muito longe do acampamento deles.

As sementes cresceram rapidamente e tornaram-se árvores altas e logo a montanha foi coberta por uma vasta floresta.

Um dia a princesa estava muito brava por algo que lhe acontecera e decidiu dar um passeio sozinha. Andou, andou e perdeu-se na densa floresta no declive da montanha. Veio à noite e a princesinha começou a chorar porque não conseguia encontrar o caminho para sair da floresta. Como ela queria agora a sua casa e todas as coisas que sempre desprezou antes! Ela estava com fome, mas nada encontrou para comer na floresta, a não ser algumas frutas amargas em um dos arbustos. Finalmente, sentindo-se muito cansada, ela ajeitou-se no chão duro e dormiu.

Logo cedo, na manhã seguinte, ela foi acordada por alguém que chamava o seu nome. Sentando-se rapidamente, ela olhou à sua volta e viu os anões.

- Princesa, disse o líder dos anões, viemos para dizer-lhe como você pode sair da floresta.

A princesa bateu palmas:

- Oh, diga, ela gritou. Por favor, diga-me como vou encontrar o caminho de minha casa, pois eu não gosto desta floresta e quero voltar para casa o mais rápido possível.

- Essa rapidez dependerá da maneira como você seguir nossas instruções, disse o anão, pois só há um caminho para sair daqui.

-Oh, farei qualquer coisa, respondeu a princesa.

- Bem, então disse o anão, deixe-nos primeiro dizer onde você se encontra. Cada árvore nesta floresta é uma palavra má ou um gesto pouco gentil que você praticou. Essas densas videiras emaranhadas são as reclamações que você fez. Agora, a primeira coisa que você deve fazer é parar de reclamar e elogiar tudo. Você deve aprender a sorrir, procurar o bem em todas as coisas e sentir-se feliz. Tente tornar as outras pessoas felizes e faça algo por elas. À

medida que você for fazendo essas coisas, as árvores desaparecerão uma por uma e aí você poderá voltar para o reino, onde fica a sua casa.

Foi muito difícil para a princesa fazer o que os anões lhe recomendaram, mas ela detestava tanto a floresta que resolveu tentar. Parou de reclamar sobre a floresta e principiou a elogiá-la. Começou a elogiar o arbusto que continha as frutas amargas e ela se surpreendeu ao ver que, com suas palavras de carinho, as frutas que antes eram tão amargas transformaram-se em frutas saborosas, diante de seus próprios olhos.

Atônita e feliz com o resultado de sua primeira experiência, ela começou a sorrir.

Lembrou-se das instruções de fazer algo gentil para as outras pessoas e decidiu que já que os anões tinham sido bondosos ensinando-lhe o caminho de volta, ela faria alguma coisa para eles.

Depois de muito pensar, decidiu construir para eles algumas lindas casinhas onde pudessem morar. Juntando pedras e varetas e usando argila para a argamassa, ela construiu as mais atrativas casas de pedra que se possa imaginar e cuidadosamente forrou o interior delas com folhas macias. Do lado de fora, ela criou jardins nas rochas e neles plantou toda a sorte de flores do campo.

A princesa estava tão feliz em seu trabalho de construção, que não notou que muitos dias se tinham passado desde que ela chegou à floresta.

Finalmente, as casas ficaram prontas e eram tão lindas que ela mal conseguia esperar o momento em que os anões chegassem para ver seus novos lares.

Na manhã seguinte, ela acordou com o Sol brilhando intensamente em seus olhos e sentando-se rapidamente olhou à sua volta. Para sua surpresa, a densa

floresta tinha desaparecido e os anõezinhos estavam sorrindo diante dela, parecendo muito felizes.

- Olá, Princesa, eles disseram todos, saudando-a. Você dissolveu a floresta. Olhe, poderá ver o palácio na outra colina. Vá, porque o rei está esperando por você.

A princesa levantou-se alegremente e, após agradecer aos anõezinhos pôr a terem ensinado o quanto é mais agradável sorrir do que resmungar, correu rapidamente para casa e estava determinada a nunca mais ser mal-humorada e indelicada.



A PEQUENA TRABALHADORA CANSADA

Dorothy V. Bayrd

- Estou cansada de trabalhar, - disse a Abelhinha de Mel - Vou sair por aí e ver o que posso encontrar.

Assim, com essas palavras, a Abelhinha, que estivera ocupada fabricando mel como as outras abelhas, deixou o agradável trabalho de tirar o doce líquido das flores que a atraíram com perfumes deliciosos e com lindas cores e mergulhou na escuridão do bosque. Debaixo de uma grande folha verde estava um pequeno Botão de Ouro, então, a Abelha parou e bateu um papinho com ele. Com seu rosto redondo e feliz, ele deu as boas-vindas a Abelha e perguntou porque ela não estava trabalhando nesse dia tão bonito.

- Oh, estou exausta. Acho que preciso de um descanso - ela respondeu.

- Isto é mau; você deve descansar quando estiver cansada, tudo bem. Mas, não se aventure para muito longe porque há muitas plantas estranhas nesses bosques. Eu ouço, muitas vezes, os insetos falarem sobre seus entes queridos que se perdesse. Há uma planta muito grande que parece bela, mas é muito má.

- Como é ela? - perguntou a Abelha.

- É uma espécie de verde amarronzada e tem muitos dentes grandes, afiados, e uma boca e um nariz terrivelmente grande. Parece que nunca, nunca está satisfeita, está sempre com fome. Não tem perfume como as outras plantas, logo se você não perceber nenhum perfume suave, tenha cuidado; pode ser a flor má - avisou o Botão de Ouro.

- Terei cuidado e não irei longe demais. Vou só dar uma volta por aí - disse a Abelha e foi voando.

Primeiro, ela desceu por entre frescas samambaias. Suas folhas frágeis fizeram com que ela pensasse em balançar-se. Sentou-se sobre a samambaia e balançou-se para frente e para trás como fazem as crianças num balanço. A brisa suave tornou-se agradável e fresca, fez com que a planta se movesse de tal maneira que a cansada Abelhinha não precisou fazer esforço algum para balançar-se. Ela sentiu-se tão descansada e feliz que adormeceu no seu balanço.

Dormiu por algum tempo e, quando acordou, a chuva tinha começado a cair e ela procurou, em vão, por suas irmãs abelhas, todas tinham ido embora. Ela sentiu medo, voou para lá e para cá e quando já estava muito cansada de voar, pousou na mais bela e mais suave folha que lhe deu proteção da chuva. Suas asas estavam um pouco úmidas, por isso ela ficou parada ali por um minuto e abanou-as até que ficassem secas.

- Preciso dar uma olhada por aí, até que pare de chover - ela disse - Ora, ora, esta é uma flor divertida. E também não tem um perfume agradável.

Naturalmente, ela havia passado por muitas flores que não tinham um perfume agradável, de maneira que isso não a preocupou. Há muito ela já havia esquecido o conselho do pequeno Botão de Ouro.

- Que dentes longos, afiados ela tem e, meu Deus, como é profundo sua garganta. Gostaria de saber o que há lá no fundo e acho que vou até lá para ver - disse a Abelha.

Vagarosamente, ela caminhou até a borda da flor onde estavam os longos dentes e novamente deu uma olhada bem lá no fundo. Viu alguma coisa pequenina se movimentando lá e como estava um pouco escuro no bosque, não pode ver, de início, o que era. Ela olhou durante um longo tempo e distinguiu uma Formiga Vermelha que estava tentando dizer alguma coisa, mas ela não a podia ouvir, pois sua voz era muito fraca.

- O que você disse? - ela perguntou.

- Mmmm mmmm - era tudo que podia entender.

- Fale mais alto, não ouço você - ela gritou mais uma vez.

Muito debilmente, a voz saiu lá de dentro, por entre os dentes longos e afiados.

- Vá embora. Não chegue mais perto ou você não conseguirá mais sair. Nunca mais estarei ao Sol nem andarei mais com meus irmãos e irmãs. Eu estava cansada de trabalhar, então fugi ontem e vim até aqui para ver o que poderia achar. Agora, não posso mais sair.

- Oh, pobrezinha - disse a Abelha.

Então, de repente, ela percebeu - era a flor grande e má que ia pegá-la e nunca mais a soltaria se ela ultrapassasse os seus dentes. Com um pequeno pulo ela conseguiu alcançar a borda externa, mas estava ainda com muito medo e começou a chorar.

- Por que fui embora? Nunca mais abandonarei minhas irmãs. Preferia estar ocupada. Quando fico preguiçosa, arranjo problemas. Oh! Deus, como gostaria de encontrar a Abelha Rainha - ela lamentou.

Sentou-se lá por um longo tempo até que o Sol nasceu novamente e a claridade tomou-se maior. Logo ouviu o zumbido das abelhas enquanto elas carregavam o doce líquido das flores para fazer mel. Ela chamou mais uma vez a pobrezinha Formiga Vermelha, mas ela estava muito quieta e já não podia falar. Então, com uma lágrima de piedade pela formiguinha que, como ela, não quis trabalhar, voltou para sua colmeia. Sentiu-se feliz por poder trabalhar, até que o Sol desapareceu por trás das árvores e as flores sussurraram "Boa Noite".

Naquela noite, em suas preces, ela lembrou-se da Formiguinha Vermelha que não trabalharia nunca mais e disse que voltaria para agradecer ao pequeno

Botão de Ouro por tê-la avisado sobre a flor grande e má que prendia abelhas e formigas que não queriam trabalhar ou ajudar seus irmãos e irmãs.



O DUENDE

John Kendrick Bangs

Uma vez eu encontrei um duendezinho,
Lá onde os lírios florescem.
Perguntei-lhe por que era tão pequenininho
E por que os duendes não crescem.

Ele franziu de leve as sobrancelhas
E olhou-me direto, inteiramente.
“Eu sou tão grande para mim”, ele disse,
“Como você é grande para você, naturalmente”.



NOSSOS ANJOS AUXILIARES

Peri Amélia Williams

- “Mamãe, será que alguma vez teremos asas como os Anjos?” – perguntou pensativamente Jennie, de sete anos, enquanto ela e seu irmão gêmeo, Bennie, viravam as páginas de um novo livro de histórias que ganharam em um recente aniversário.

- Os Anjos na realidade não têm asas, querida, respondeu mamãe, que estava sentada no grande sofá, costurando. Muitos desenhos mostram os Anjos com asas, talvez porque os confundam com outros seres dos mundos invisíveis que tem asas como parte deles, mas aqueles que já viram os Anjos dizem que eles se parecem muito conosco.

- Como eles se movem pelos ares se eles não têm asas? – insistiu Jennie.

- Eles são feitos de material mais leve do que nós, respondeu sua mãe, e podem ir onde quiserem, simplesmente pelo poder do pensamento.

- Eles vivem e age como nós, Mamãe? – perguntou Jennie, com um brilho de interesse em seus olhos espertos.

- Sim, dizem que eles usam roupas, vivem em casas, tem jardins e se ocupam com vários assuntos, exatamente como nós. Alguns são mais bonitos e inteligentes do que outros, exatamente como são as pessoas, há alguns tão brilhantes e tão belos que ofuscam nossos olhos.

- É por isso que não podemos vê-los, Mamãe? – perguntou Jennie.

- Não, não exatamente. Eles são feitos de matéria muito mais leve e mais fina do que nós e, assim, não causam impressão aos nossos olhos. Algum dia, entretanto, quando nos tornarmos mais espiritualizados e tivermos desenvolvido o que chamamos de visão etérica, veremos muitas coisas feitas de éter, que agora não vemos.

- Mas os Anjos moram aqui onde estamos? - perguntou Bennie, de olhos arregalados.

- O lar deles é na Lua, respondeu mamãe, mas eles nos visitam aqui na Terra e nos ajudam de várias maneiras. Eles, com a ajuda dos Espíritos da Natureza, ajudam as plantas a crescer e desenvolver suas lindas flores e frutos, e são particularmente úteis para as crianças porque estão sempre perto, guiando e protegendo vocês.

- Eles realmente nos protegem? – indagou a deliciada Jennie. Gostaria de poder vê-los.

- Quando você estava no mundo celeste, continuou mamãe, eles a ajudaram a encontrar papai e a mim, de maneira que você pode vir viver conosco e crescer no ambiente que fosse melhor para você.

- Aposto que encontraria você de qualquer forma, Mamãe, disse Bennie, abraçando-a com entusiasmo.

Mamãe sorriu, e pegando o livro de histórias mostrou uma figura e continuou:

- Essa figura que você vê aqui é a do Anjo Gabriel dizendo à Maria, a Mãe de Jesus, que dela nasceria um filhinho que se tornaria um homem maravilhoso.

- E ele se tornou, não é? – perguntou Jennie muito interessada.

- Sim, respondeu sua mãe, e quando ele nasceu os Anjos avisaram os pastores das proximidades e, como você vê nesse desenho, os pastores foram visitar o menino Jesus.

- E eles o encontraram num estábulo, não é? – lembrou Bennie..

- Sim, assim foi, respondeu mamãe, e lá também havia Anjos como você vê no desenho.

- E o que eles estão fazendo nessa gravura? – perguntou Bennie, à vista de uma linda gravura colorida na página seguinte.

- Esta gravura mostra os Anjos ensinando o menino Jesus quando ele cresceu, explicou mamãe. Você vê, eles dispensavam uma atenção toda especial ao menino porque ele tinha um trabalho importante a fazer.

- E o que o Anjo está fazendo para esse homem? – perguntou a pequena gêmea.

- É um Anjo confortando Cristo-Jesus, já homem feito, quando Ele estava muito triste, respondeu mamãe. Você vê, os Anjos são muito abnegados. Eles são mais puros e mais sábios do que nós somos, porque eles permaneceram mais tempo no Reino de Deus do que nós e foram mais obedientes a Ele - eles adoram confortar e ajudar os outros. Todas as pessoas tornam-se mais fortes e melhores ajudando os outros e é parte do plano de Deus que todos os Seus filhos sirvam seus irmãos e irmãs, particularmente aos mais jovens e aos menos desenvolvidos.

- Mas os Anjos não são nossos irmãos e irmãs, Mamãe? – perguntou Bennie.

- Não exatamente como você e Jennie são irmão e irmã, explicou mamãe, mas os Anjos, os Espíritos da Natureza, os seres humanos e todas as outras criaturas São filhos de Deus e, nesse sentido, somos todos irmãos e irmãs. Chamamos os animais nossos irmãos mais jovens porque eles não estiveram nesta parte do reino de Deus ao tempo que nós estamos.

- E meu gatinho é meu irmãozinho, então? Exclamou Jennie deliciada.

- Sim, ele é, replicou sua mãe, e sendo boazinha para ele, alimentando-o e tomando bem conta dele, você estará ajudando-o a crescer de acordo com os planos de Deus, da mesma forma que os Anjos nos ajudam.

- Os Anjos cantam Mamãe? – perguntou Bennie, olhando outra ilustração no livro de história.

- Sim, mamãe assegurou-lhe. Sabemos que no tempo da Páscoa, quando o Espírito Cristo se liberta da Terra, uma hoste de Anjos vai ao Seu encontro,

cantando as mais belas canções de louvor e gratidão. Esse desenho ilustra isso, como o artista o imaginou.

- Oh, gostaria de ouvi-los, exclamou Jennie.

- Talvez algum dia você os ouça, sorriu sua mãe. Se vivermos como Deus quer que vivamos, seremos capazes de fazer muitas coisas no futuro, que não podemos fazer agora.

- Posso rezar para os Anjos esta noite, quando fizer as minhas preces, Mamãe?
– perguntou a garotinha.

- Sim, você pode, concordou sua mãe. E agora é hora das crianças irem para a cama, por isso vamos logo.

- Espero sonhar com os Anjos, disse Jennie, enquanto seguia sua mãe para o quarto.



OS GÊMEOS TAYLOR NA DANÇA DAS FADAS DAS FLORES

Maxine V. Grswold

Pedro e Jane Taylor tinham apenas seis anos. Eram gêmeos e estavam sempre juntos pois, quando separados, sentiam-se sozinhos e infelizes.

Os Taylors moravam numa casa muito afastada no campo, onde havia verdes prados para brincar durante o verão e lindas colinas para deslizar quando havia neve, no inverno. Na primavera, quando a chuva refrescante vinha lavar a terra e todas as árvores e todos os seres que vivem nela, as minúsculas flores começavam a desabrochar aqui e acolá. Então, os gêmeos Taylor colhiam grandes ramalhetes e os levavam para casa. As empregadas os colocavam em vasos e sua fragrância espalhava-se pela casa, deixando todos felizes. Na primavera havia flores silvestres que se pareciam com os lírios da Páscoa. Mais tarde, nasciam as delicadas margaridas e as tímidas violetas púrpuras.

Um dia, no começo da Primavera, Pedro e Jane foram para o bosque colher flores. As crianças sentaram-se juntas por uns minutos para observar alguns passarinhos construindo um ninho. De repente, Jane cutucou gentilmente Pedro.

- Está ouvindo isso, Pedro? ela murmurou.

As crianças escutavam atentamente.

- Parece-me um pequeno sino tinindo, Pedro murmurou em resposta.

O som tilintante parecia aumentar e, de repente, uma minúscula fada estava em pé diante deles. Ela inclinou-se graciosamente e foi chegando mais perto.

- Eu sou a Rainha das Flores, ela disse numa voz delicada, e essas fadinhas são as habitantes das flores.

E, sem dúvida, havia pequeninas pessoas com cara de flor. Eram margaridas, bocas-de-leão, violetas e muitas, muitas outras.

- Se vocês prometerem nunca colher as lindas flores até que desabrochem e nunca colher mais do necessitam para tornar mais belo o mundo em que vivem, vocês podem comparecer à nossa dança das flores, disse-lhes a Rainha das Flores.

Pedro e Jane mal podiam acreditar no que viam e ouviam.

- Oh, nós prometemos! declararam ambos ansiosamente.

- Muito bem, disse a pequena Rainha. Esta noite vocês devem ir dormir como sempre o fazem e quando estiverem na Terra dos Sonhos, os habitantes das flores virão para vocês.

E quando as crianças prometeram fazer o que lhes foi dito, a Rainha das Flores e seu povo desapareceram num Instante.

Naquela noite, logo após o jantar, os gêmeos sentiram muito sono e quiseram ir para a cama sem demora. Isso deixou surpreendida a Sra. Taylor, porque habitualmente os gêmeos queriam brincar e ouvir muitas histórias antes de irem dormir.

Quando as luzes se apagaram, as crianças fecharam seus olhos bem apertados e logo pegaram no sono. Tão logo chegaram à Terra dos Sonhos, apareceram os habitantes das flores, elegantes senhoritas em longos vestidos de lindas cores e homenzinhos em ternos verdes. Como todos estavam alegres e felizes! Eles se reuniram num círculo em torno dos gêmeos e os conduziram para um lugar esplendidamente verde onde corria um regato tranquilo. Lá, os gêmeos viram que estavam muito, muito mais habitantes das flores. Alguns estavam cantando e outros dançando. Todos sorridentes e felizes. Agora a Fada Rainha levantou sua pequenina mão e todos os habitantes das flores fizeram silêncio. Então, eles vieram e reuniram-se num grande círculo em torno das crianças e as conduziram em direção à beira do regato.

- Para onde vocês estão nos levando? Perguntaram as crianças.

- Nada temam, disse a pequena Rainha. Os habitantes das flores amam vocês e querem torná-los felizes.

Logo as crianças estavam num pequeno barco feito de samambaias. Eles estavam navegando rio abaixo. Como tudo era lindo! Agora, eles estavam em outra terra. O barco foi dirigido para a margem do regato e os habitantes das flores conduziram as crianças para uma maravilhosa cadeira, feita de coisas verdes dos bosques. Havia música. O córrego cantava uma bela canção, havia o tinido da campainha dos jacintos. Alguns pássaros estavam assobiando uma melodia alegre.

Agora, os narcisos estavam juntos. Eles dançavam delicadamente e logo as violetas e as margaridas se juntaram a eles. Todas as flores que as crianças jamais viram estavam ali dançando. Como elas eram doces, brincalhonas e felizes!

- Como é triste quando as crianças, muitas vezes, destroem essas flores, pensou Jane. Elas são tão adoráveis!

Muitos animais estavam também observando quietos a dança das flores. Havia os esquilos, os macaquinhos, as raposas e muitos outros.

Quando a dança terminou, houve uma grande festa. Havia frutas, nozes, e um mel delicioso que as abelhas trouxeram, pois elas também estavam lá.

De repente, apareceu à Rainha das Flores diante de Pedro e Jane.

- É muito tarde, disse ela em sua voz delicada. Vocês devem voltar para a sua terra. Os habitantes das flores levarão vocês.

Assim, as crianças tomaram o barco de samambaia e voltaram para a Terra dos Sonhos, após despedirem-se da Rainha, dos habitantes das flores e de todos os animais.

Na manhã seguinte, quando os gêmeos acordaram, a Sra. Taylor trouxe uma cesta de flores frescas para eles.

- Foram deixadas na soleira da porta, ela disse. É primeiro de Maio. Talvez um de seus amiguinhos as tenha deixado aqui.

Mas Pedro e Jane sabiam que à Rainha das Flores e suas fadinhas é que tinham deixado as flores para eles.



O BUQUÊ DAS FADAS

Rowena Greenwood Noyes

Era uma vez, no tempo em que os reis governavam as nações, vivia numa cabana velha, mas, muito limpa, bem no meio da floresta, um pobre cortador de lenha junto com sua filhinha Alice.

Todos os dias esse bom homem saía com sua enxada, logo que os primeiros raios de sol apareciam através das altas árvores, para tirar da madeira o seu sustento e o de sua filhinha. Alice também fazia sua parte, pois, enquanto seu pai se afastava para trabalhar, ela cuidava da casa e das flores de seu pequeno jardim. Ela nunca estava sozinha porque era muito afeiçoada as flores e sempre conversava com elas em termos amorosos. Parecia-lhe que quando a brisa as tocava, elas inclinavam suas cabeças em resposta.

Frequentemente, enquanto fazia o serviço da casa, corria a uma pequena janela para olhar um magnífico palácio que ficava imponente e majestoso, no topo de uma alta colina, a poucas milhas de distância. Muitas vezes sonhava estar nele, mas o que mais desejava era poder ver uma princesinha de verdade.

- Como ficaria feliz se pudesse ver uma princesinha, ela costumava dizer.

Ao pensar em poder ver uma princesinha, ela suspirava, pois sabia que o seu sonho era em vão. Nenhuma princesinha morava no palácio.

Um dia, entretanto, quando a tarde terminava e ela estava ocupada demais para poder passar algum tempo a janela, deu só uma rápida olhada ao palácio. Uma estranha cena chegou ao seu olhar. Estava flutuando de cada torre e de cada janela uma linda bandeira de seda.

- Deve ser algo muito bonito. O palácio está em gala, exclamou Alice excitada. Oh, o que poderá ser? Devo descobrir.

Ela olhou para o Sol. De onde ele brilhava nos céus, sabia que tinha tempo para correr ao pequeno vilarejo que ficava entre sua casa e o palácio, antes de preparar o jantar para seu pai.

Rapidamente, seus pés impacientes correram na trilha da floresta e, em pouco tempo, encontrava-se na estrada principal que levava ao vilarejo. Quando se juntou a multidão, nas ruas movimentadas, outras cenas maravilhosas a surpreenderam. Do topo de cada casa flutuava uma bandeira. O doce e melodioso som de instrumentos de corda, em alegres canções, fazia-se ouvir na delicada brisa de muitos jardins, enquanto as crianças nas ruas riam e brincavam. As ruas calçadas de pedras arredondadas estavam apinhadas de pessoas alegremente vestidas, indo em direção ao palácio. Em seus braços levavam pacotes misteriosos e os animais de carga estavam carregados com arcas e caixas de joias que Alice sabia deviam conter ouro, ricos perfumes e sedas de terras distantes, enquanto o soar dos sinos, colocados ao redor do pescoço dos animais, misturava-se com o riso de seus donos.

Puxando gentilmente a manga de um dos transeuntes, ela perguntou, timidamente:

- Por favor, bondoso amigo, diga-me o que significa tudo isto?
- O que significa? – respondeu o homem, atônito.

Então, gentilmente, ele perguntou:

- Menina, você não sabe que uma princesinha nasceu para o rei e para a rainha no palácio?

Não vendo presente algum, ele acrescentou:

- Você deve trazer a ela um presente. Deve ser o mais precioso que puder encontrar.

Assim dizendo, ele seguiu seu caminho.

Por um momento, Alice ficou atordoada.

- Uma princesinha! Uma princesinha, ela exclamou alegremente. Então existe uma princesinha!

Seu coração pulou de alegria, mas instantaneamente entristeceu-se ante a lembrança de que não tinha qualquer riqueza, como as outras pessoas, para ofertar a sua princesa e nem tinha dinheiro para comprar um presente. Triste, de cabeça baixa, ela virou-se e voltou vagorosamente para casa. Seu coração pesado doía em contraste com os alegres corações que acabara de deixar.

A estrada parecia longa e deserta. Ela ficou muito cansada antes de chegar a seu pequeno jardim. Quando passou através do portão, levantou os seus olhos em direção ao Palácio onde os últimos raios do sol faziam reluzir suas muitas janelas coloridas, com suas bandeiras alegres.



Ela imaginava, mentalmente, a pequenina princesa aninhada em suas roupas de seda e, de seu berço real, admirando os que se ajoelhavam diante dela e depositavam a seus pés seus preciosos presentes. Um soluço sufocou-a.

Deprimida, ela prostrou-se num pequeno banco de madeira e recostou sua cabeça próximo aos galhos de jasmim que ficavam atrás do banco, até que o seu perfume acalmou seus pensamentos inquietos. Ela não estava lá há muito tempo, quando uma rosa vermelha, que estava perto de uma pequena lagoa, mexeu-se e abriu suas pétalas. Ou não?

Alice não estava muito segura, pois poderia ter sido somente a brisa movendo as folhas. Mas, outra vez ela fez o mesmo. Desta vez Alice não se confundiu. Ela olhou ao seu redor. Para sua surpresa, alguma coisa tinha mudado no jardim. A noite tinha caído e através das enormes árvores, a Lua prateada espalhava uma luz tremula sobre o local. Lá estavam os heliotrópios, rosas, margaridas e todas as flores que ela conhecia tão bem, mas: oh! Como estavam diferentes! O heliotrópio espalhava suas verdes folhas e soltava miríades de minúsculas ametistas. E, de seu leito, as margaridas brancas como a neve, levantavam suas delicadas pétalas, uma abundância de diamantes em miniatura. Perto da violeta de raios púrpuros, o jacinto amarelo espalhava uma luz dourada nas vestes cor-de-pérola dos Sírios do vale, enquanto as ricas vestes vermelhas que preenchiam o coração da rosa vermelha aumentavam cada vez mais, até que cada pétala refletisse o brilho ígneo do rubi. A grama abaixo dela irradiava estranhas luzes verdes, cada esmeralda inclinando-se gentilmente como se estivesse acompanhando uma música.

De repente, como se tivesse vindo despercebida enquanto as flores estavam se transformando em joias, apareceu a mais encantadora criatura tipo flor, uma pequena Fada Rainha. Ela estava sentada no mais delicado trono das fadas. Suas longas tranças douradas, combinando com seu vestido delicado eram uma visão tão linda que Alice tinha certeza que nunca mais esqueceria.

Na sua cabeça radiante estava uma coroa de flores que brilhava com as luzes das opalas. Em sua mão, uma varinha prateada atraía e refletia os raios da Lua.

Com a chegada de sua Rainha, as flores inclinavam suas cabeças e enchiam a noite com seu perfume. Ao mesmo tempo, de cada botão saíam criaturas minúsculas com asas transparentes e cabelos dourados. Suas roupas, à medida que elas dançavam, cintilavam como pedras preciosas, enquanto a música de suas vozes era como o tinir de sinos prateados. Rodando e rodando, elas dançavam num círculo mágico até que a Rainha levantou sua varinha e todas se inclinaram obedientes, em silêncio.

- Vinde, minhas filhas - ela disse com sua voz musical clara e doce -Vinde até mim, para que eu possa confiar-vos os vossos admiráveis encargos.

A fada dos jacintos deu um passo à frente. A Rainha tocou gentilmente na sua cabeça e disse:

- Oh, filha da doçura e de encanto, eu te encarrego de guardar sempre o espírito doce de encanto.

A seguir, uma fada do amor-perfeito, vestida em suaves safiras e topázios, inclinou sua cabeça perante a Rainha.

- Lembra-te, querida filha, a solicitude é uma virtude sagrada - a Rainha disse sorrindo para ela.

Então, a pequena margarida levantou seus olhos confiantes.

- Bebê das flores - cantarolou suavemente a Rainha - retém sempre tua inocência.

Seguindo, a rosa esplendorosa abaixou sua gloriosa cabeça.

- Formosa flor - a exaltou - conserva tuas pétalas sempre novas na beleza.

Timidamente, a violeta saiu debaixo de seu manto verde-esmeralda e vagarosamente inclinou sua cabeça.

Com gravidade, a Fada lhe deu este encargo:

- A modéstia é o teu encanto. Conserva-a bem, pois, uma vez perdida, ela o é para sempre.

Depois a violeta, a orquídea e a flor da paixão, de mãos dadas, ajoelharam-se diante da sua Rainha.

- Ah - suspirou ela - constância e fé, dois presentes apreciados são confiados à vossa guarda.

Em seguida, o lírio branco como a neve, inclinou-se com graça e simplicidade e a rosa vermelha ruborizou-se ao seu lado. A Rainha beijou-os gentilmente enquanto se levantava e dizia:

-Pureza de pensamento é o presente de Deus e o amor é seu atributo perfeito. Possas tu, casto lírio, manter tua alma muito pura, e tu, querida rosa, manter o teu coração apaixonado sempre resplandecente, a fim de que o mundo possa ver que a pureza e o amor são supremos sobre todas as coisas.

Tão lindos eles estavam quando inclinaram suas cabeças que a menina, sentada no banco, levantou-se para tocá-los. Instantaneamente desapareceram as flores joias, a Rainha e sua corte - Alice ficou sozinha à luz da tarde que desvanecia. Ela esfregou seus olhos, mas, já se fora o mágico encanto. Lá estavam as flores, como antes, quando ela se reclinou no banco, suas cores se diluindo no crepúsculo da tarde.

Por um momento, ela as observou balançando na brisa, depois, batendo palmas, feliz ela exclamou:

- Já sei o que vou fazer. Encontrei o meu presente para a princesinha.

Assim dizendo, foi de flor em flor e pensou.

- Qual delas devia ser?

Cheirando o jacinto, ela murmurou: Sublime amor. O amor-perfeito pensativamente retribuiu sua admiração. A inocente margarida e a modesta

violeta se inclinaram timidamente. Um traço de rara beleza a aguardava quando a rosa-damasco abriu suas lindas pétalas rosadas e graciosamente balançou na brisa.

A flor da paixão e a orquídea entrelaçaram seus longos caules e vendo-os assim, ela disse:

- Estou lembrada: Constância e Fé; dois presentes apreciados.

Continuando, ela chegou a uma minúscula lagoa e lá, num branco como a neve, estava o maravilhoso lírio.

Reclinando-se sobre ele, à beira d'agua, a rosa avermelhada acenou sua cabeça.

Juntando sua mão em delicada reverência, ela disse suavemente:

- Pureza e amor. Em todo o mundo, não conheço melhor presente. Levarei essas flores.

Ela parou para colhê-las. Nesse momento, o perfume de todas as outras flores parecia alcançá-la, como se os botões a chamassem. Foi, então, que percebeu que todas as flores eram necessárias para tornar-se um presente perfeito.

Cuidadosamente, foi de flor em flor colhendo, de cada uma, seu botão mais delicado.

Na manhã seguinte, no meio a alegre massa que se apinhava nos corredores do palácio, ninguém tinha o coração mais feliz nem mais humilde do que essa menina que habitava a cabana na floresta. Ajoelhando-se ante o delicado berço real, ela timidamente, ofereceu seu presente:

Uma onda de risadas percorreu a multidão ricamente trajada, mas o sábio e bom Rei silenciou-os.

Pegando o buque variado, ele o contemplou demorada e pensativamente.

Havia jacintos, violetas, margaridas e todas suas irmãs adoráveis, mas coroando tudo, bem no meio, estava o símbolo do amor e pureza. Nenhum

botão com seu precioso significado passou despercebido para ele. Sorrindo, ele olhou para Alice.

- Querida menininha - ele disse - você superou todos os demais presentes dando à princesinha o presente mais precioso, porque todo o ouro de meu reino não poderia comprá-lo. É um buquê das fadas. E, como o mais feliz dos reis, eu beijo a mão de quem o trouxe.

Assim dizendo, ele inclinou sua cabeça real e trazendo a mão de Alice aos seus lábios, beijou-a. Isso não foi tudo, pois para o espanto de todos, ele levantou o Bebê Real, a princesinha, e colocou-a cuidadosamente nos braços de Alice. Alice, que viu seu sonho finalmente realizado, admirou com felicidade a pequena Princesa Real, enquanto as flores colocadas na coberta de seda acenavam suas cabeças e enchiam a sala com a fragrância delas.



DEUS ESTÁ SEGURANDO SUA MÃO

Clara E. Huffman

O Sol da manhã mostrou o horário da escola, no céu. Ele enviou seus mensageiros às crianças da Terra. Um raio brilhante entrou no quarto de Margy Lou, iluminando sua face e a acordou. Quando ela vagorosamente abriu seus olhos, notou um raio de Sol vindo através de uma fresta da janela, como se fosse uma escada dourada para o céu.

- Margy Lou, Margy Lou! É hora de levantar.

Era sua mãe chamando. Margy não respondeu. Ela estava absorvida olhando as partículas que dançavam no raio de luz.

Poucos minutos depois, sua mãe tornou a chamar:

- Margy Lou, Margy Lou! É melhor levantar ou chegará atrasada na escola.

Quando ouviu a palavra: *escola* o coração de Margy bateu apressadamente. Ela lembrou-se que era o dia em que recitariam o poema, *A Hora da Criança*. Ela gostava de poesia e especialmente dos poemas de Longfellow, mas tinha medo de recitar em frente de meninos e meninas.

Sua garganta apertou quando pensou nisso. Começou a doer. Diria à sua mãe que não estava sentindo-se bem. Talvez ela a deixasse ficar em casa. Aí não teria que recitar o poema.

A Sra. Bond entrou no quarto. Margy não se moveu. Sua mãe aproximou-se da cama.

- O que houve Margy? Por que você não se levanta?

- Oh, Mamãe, estou com dor de garganta.

Margy segurou com sua mão a garganta. A Sra. Bond examinou-a e encontrou volumosos caroços de cada lado. Embora sendo uma mãe cuidadosa, ela decidiu que era melhor ignorar os sintomas dessa vez. Ela disse:

- Não acho que seja algo sério. Estará tudo bem quando chegar à escola. Levante-se e prepare-se. Aprontarei o seu café em poucos minutos.

Então, saiu do quarto.

Margy levantou-se; ela sabia que sua mãe não deixaria que o problema da garganta fosse desculpa para ela ficar em casa. Logo se vestiu e estava pronta para tomar o café. Mas, o chocolate quente com torradas de que tanto gostava não tinha sabor quando pensava no que a aguardava. Comeu um pouco para deixar sua mãe despreocupada, mas não tocou no cereal.

Depois, pegou seus livros e foi para a escola. Normalmente gostava de andar, mas hoje, cada passo a trazia para mais perto da hora da recitação. Por fim, inclinou sua cabeça e orou, enquanto andava.

- Querido Deus, ajude-me a dizer o poema. Ajude-me a não ter medo.

Pedindo a Deus que a ajudasse sentiu-se melhor e, quando levantou a cabeça, viu algo redondo, escuro e brilhante no chão, em sua frente. Parou e pegou-o. Era um fruto da castanheira. Margy sabia o que o fazia tão brilhante. Alguém a carregou em seu bolso por um bom tempo provavelmente para evitar reumatismo, como ouvira o Tio Jim dizer.

Ela segurou-a em sua mão e olhou-a. Como poderia isso evitar reumatismo? Devia ser pela crença da pessoa. Viu Thelma e Lucille fazendo sinal para que ela se apressasse, então, colocou a castanha no bolso de seu vestido e correu para alcançá-las. Finalmente, chegou a hora da poesia. Thelma foi a primeira a recitar. Ela declamou sem o menor sinal de medo. Margy sabia o poema tão bem quanto Thelma. Dois garotos foram os seguintes, depois de Thelma.

Margy começou a ficar apavorada, pois sua vez estava próxima. Finalmente a professora sorriu e disse:

- Você é a próxima, Margy Lou.

Margy andou hesitante para frente da sala. Ela não ousava olhar para as crianças, assim, mantinha seu olhar fixo no chão. Tentou falar. Seus lábios se moveram, mas nenhum som saiu. Sua garganta doía. Seus joelhos tremiam. Inconscientemente pôs a mão no bolso. O que era aquela coisa dura que seus dedos tocavam? Ah, sim, a castanha que apanhou no chão. Ela apertou-a fortemente em sua mão, e tentou falar novamente. Para sua surpresa, as palavras saíram com clareza. Ela levantou sua cabeça e olhou para as crianças. Recitou a poema sem erro.

Margy voltou para sua carteira muito feliz, mas a causa de sua felicidade não era pelo elogio da professora. Algo tinha acontecido com ela. Ela não sentira medo de recitar, enquanto segurava a castanha em sua mão. Talvez, realmente, ela afastasse reumatismo, pensou. De qualquer forma conservaria a castanha com ela e da próxima vez que tivesse que recitar veria se ela a ajudaria.

Assim, por muitos meses, Margy não teve mais dor de garganta. Toda vez que tinha uma lição difícil, segurava o mágico objeto em sua mão e recitava bem. Mas nunca disse nada a ninguém sobre a castanha. Sempre tomava o cuidado de escondê-la quando voltava da escola.

Então, veio o teste de história. Margy nunca aprendera história com facilidade. Ela deveria ter certeza de carregar consigo a castanha para ajudá-la durante o teste. Um pouco antes de ir para a aula procurou-a na gaveta, no seu esconderijo habitual. Não estava lá. Procurou pelo quarto, mas não a encontrou. Devia tê-la esquecido no bolso de seu vestido azul, no último sábado.

Perguntaria à sua mãe se a tinha visto.

A Sra. Bond estava passando roupa.

- Mamãe, você viu minha castanha? - perguntou a garotinha.

- Sim, encontrei-a ontem, quando lavava roupa.

- Oh, que bom! o que você fez com ela?

A voz de Margy tomava-se mais alta.

- Joguei-a fora, querida - respondeu sua mãe.

Então, Margy gritou.

- Você jogou fora minha castanha! O que farei? O que farei agora?

- Bem, você pode conseguir outra quando for visitar o tio Jim, querido. Você não está ficando supersticiosa, está?

- Mas eu não quero outra. Eu quero aquela.

Margy começou a chorar.

A Sra. Bond desligou o ferro, abraçou Margy e a levou para o sofá. Então, disse:

- Agora conte à mamãe, qual é o problema. Alguém que você gosta muito lhe deu a castanha?

- Não, eu a achei - soluçou Margy.

- Você pode me dizer por que ela significa tanto para você? - perguntou a Sra.

Bond - Eu a teria guardado se soubesse que você a queria - continuou ela consolando-a. Pouco a pouco, Margy contou a história de como ela sabia recitar bem sem ficar com medo e fazia suas lições com facilidade quando segurava em suas mãos a castanha.

Então, a Sra. Bond, disse-lhe:

- Margy Lou, escute-me. Aquela pequena castanha estava cheia de Vida; sabemos que a Vida estava nela porque se nós a plantássemos, ela cresceria. Não é verdade? Portanto, a Vida naquela castanha era Deus. Quando você a segurava em sua mão, você estava realmente segurando a mão de Deus, pois a mão de Deus está em toda a parte. Ele segura nossa mão o tempo todo, logo não devíamos sentir medo, mas, às vezes, não sabemos que Ele o faz. Agora é a sua oportunidade para aprender que Deus está segurando sua mão. Toda vez que você estiver com medo ou pensar que não pode fazer suas lições ou recitá-las, lembre-se que pode segurar mentalmente a mão de Deus. Então, você estará livre para usar ambas as suas mãos no que for preciso fazer. Você não acha que é melhor do que ficar sempre procurando e tomando conta de uma castanha?

- Sim - disse Margy pensativamente - Eu acho. Mas, Mamãe, eu não posso sentir Deus segurando minha mão como posso sentir a castanha, posso?

- Não, querida - respondeu sua mãe - mas você pode saber que Deus está sempre com você; que você está segurando Sua mão, mentalmente. Você não acha que pode fazer isso?

Margy olhou para sua mãe um momento e, então, disse:

- Sim, eu creio que posso. Acho que Deus está segurando minha mão, agora, e tenho certeza que passarei no teste de história, hoje.

Então, Margy pegou seus livros e foi para a escola.

Ela parou na porta o tempo suficiente para dizer a sua mãe:

- Estou feliz que você jogou fora minha castanha, mas também estou feliz por tê-la encontrado; pois se não a encontrasse, eu levaria um longo tempo aprendendo que Deus está segurando minha mão.

O VENTO

Patsey Ellis

Eu nunca, nunca vejo o vento,
Mas ele dobra as mais altas árvores, mesmo assim;
E persegue as folhas ao longo do pátio
E faz velejar os navios sobre os mares sem fim.

Algumas vezes, o vento é alegre e forte,
Algumas vezes, sinto-o minha face beijar,
E, ainda assim, apesar de estar tão perto,
Não posso vê-lo em nenhum lugar

Eu penso que deve ser assim com Deus:
Não posso vê-lo, embora eu saiba sentir
Que frequentemente Ele segura minha mão na Sua,
Quando não sei qual o caminho a seguir.



O CÍRCULO DE FADAS

Peça de um ato, em verso, para crianças.

Helen M. Mann

(Ao levantar da cortina, vê-se doze fadas de mãos dadas, dançando ao redor de um círculo. Todas estão cantando. O Sol se põe e, ao fundo, pode ser visto o tronco de uma grande árvore como se estivesse na clareira de uma floresta).

A CANÇÃO DAS FADAS

Em grande júbilo, nós dançamos e cantamos,
Por toda a beleza que vemos.
Para vocês, queridos amigos, nós sorrimos e vivemos,
O nosso amor é puro e verdadeiro e nós nele acreditamos.

Vocês disseram que nós vivemos e assim fazemos.
Acreditem numa coisa e é verdade, ela vai acontecer.
Tenham pensamentos amorosos e o amor vai estar
Em todos os lugares em que vocês o possam ver.
(As fadas desfazem o círculo e saem do palco. Enquanto desaparecem, vão cantando novamente):

Tenham pensamentos amorosos e o amor vai estar
Em todos os lugares em que vocês o possam ver.
(Assim que as fadas deixam o palco, um menino e uma menina aparecem vindos do outro lado. A menina vê o círculo que as fadas fizeram para poderem dançar e vai em direção dele).

MENINA

Oh! irmão, olhe e venha me dizer,
O que é isto que meus olhos estão a ver?

MENINO

Um círculo de fadas, um círculo de fadas vemos!
Agora tudo temos.
(Ele se aproxima)

MENINA

Mas, querido irmão, por favor não se aproxime,
O círculo pode algum mal lhe fazer.
Agora, que coisa engraçada é essa que eu ouço?
Aquela forma tão estranha que eu estou a ver?
(A menina olha para o tronco da árvore enquanto fala).

MENINO

Não vejo nada além deste círculo.
Nenhum barulho estou a escutar.
Mas venha e cante dentro desta roda,
Onde o mal não ousa se aproximar.
(Ambos entram no círculo, juntam as mãos e cantam).

CANÇÃO

Oh queridas fadas, tanto as de perto como as de longe,
Por favor, nosso pedido procure ouvir,
Venham brincar conosco e não tenham medo,
Pois o anoitecer já se faz sentir.
(As sombras aumentam, mas um raio de luz bate no tronco da árvore que se abre e revela um duende vermelho e verde dentro dela. Ele sorri e vem para a frente).

DUENDE

Oh crianças, venham, brinquem comigo;

Eu sou agradável de se ver.

Eu chamo os patos ou cisnes;

(Eles aparecem por detrás do palco)

Em vocês, rabos ou chifres eu farei nascer.

(As crianças ficam assustadas ao ouvir isso e olham para ver se neles já tinham crescido, mas ficam aliviados ao perceber que não).

Em qualquer lugar, eu posso fazê-los crescer,

Menos dentro do círculo que estamos a ver.

(As crianças aconchegam-se e permanecem bem dentro do círculo).

Eu peço, não tenham medo, por certo,

Mas venham um pouco mais para perto.

(Agora o pato e o cisne ficam em evidência. O cisne vem direto para o círculo, mas não entra nele. Anda orgulhosamente ao redor do círculo e o pato se bamboleia atrás).

CISNE

É um mau duende aquele, vocês podem ver.

Tomem cuidado!

Ele chamará vocês, mas não o vão atender.

Tomem cuidado!

As fadas novamente voltarão.

Que bom!

E como aquele duende vai fugir, então.

Que bom!

PATO

É melhor ficarem onde estão agora.

Eu faço esta declaração.

Pois apesar de estarem próximo, estão bem longe e fora.

Eu faço esta declaração.

E o duende não os alcançará mais, não.

Quack!

De qualquer forma, eu não me importo, não.

Quack!

(O cisne sai do palco quando diz isso e o pato vai se rebolando atrás dele. O duende que os estivera observando o tempo todo, corre de volta à sua árvore quando ouve uma música suave no palco. Parecia haver vozes à distância, mas elas tornavam-se cada vez mais altas, até que as fadas apareceram).

FADAS

Flores do pôr do Sol e flores do orvalho,

Oh! quanto nós vos amamos.

Tristeza da sombra e tristeza da noite,

Tomem vossa direção.

Vimos com nosso sorriso e nossa música

Efetuar a perseguição.

Estivemos no mundo onde os humanos vivem

E a eles demos satisfação.

(Quando as fadas aparecem, o duende fecha-se na árvore, desaparecendo de vista. A menina está de costas quando as fadas se aproximam e, de início, não as vê).

MENINA

Eu ouço vozes, ó querido irmão,
Distantes a princípio, mas mais claras estão se tornando.
Precisamos ir embora, as fadas estão chegando.
Se elas nos encontrarem aqui, o que dirão?

FADAS

Não temam, queridas crianças e, por favor, não se vão.

MENINA

Eu estou tremendo, irmão, ó irmão.

FADAS

Sobre toda a terra, as sombras estão se insinuando.
Ah! O príncipe do grupo das fadas está chegando.
(As fadas estão agora próximas do círculo, mas olham ao redor quando o príncipe, todo elegante, vestido em púrpura e branco, entra. Ele está cantarolando uma melodia, mas para de cantar assim que vê as crianças e parece surpreso, mas feliz. O menino dá um passo para trás, em evidente surpresa e adoração).

MENINO

Por que meu coração bate tão rapidamente?
O príncipe, o príncipe das fadas, finalmente.
(O príncipe sorri e vai em direção ao menino).

PRÍNCIPE

Venha, meu querido amigo, eu lhe dou as boas vindas,

E você verá que é sincera a minha saudação.

Para sua irmã, meus súditos dançarão,

Um presente eu lhes enviarei e com cuidado vocês o guardarão.

(A luz vai lentamente se apagando. As crianças ainda estão no círculo e o príncipe faz a elas uma grande reverência e depois vira-se para as fadas).

PRÍNCIPE

Minhas fadas, dancem, dancem,

Enquanto eu trago riquezas

Minhas fadas, dancem, dancem

Enquanto cantam belezas.

(Está completamente escuro agora, menos para a Lua que se eleva e que envia sua luz sobre as duas crianças, que estão dentro do círculo. As fadas dançam em torno delas, vivamente a princípio, depois cada vez mais vagarosamente, cantando uma cantiga de ninar).

AS FADAS CANTAM SUAVEMENTE

No mais lindo esplendor, a Lua se levantou,

Enquanto na brisa da noite dançamos.

E suas tranças de longos cabelos prateados lançou

Sobre o topo das árvores que enxergamos.

(A menina olha por cima do ombro).

MENINA

A Lua se levantou, irmão!

(A voz do duende se ouve atrás).

Vocês estão numa prisão.

(As crianças ficam perplexas, mas como as fadas recomeçam suas canções, elas sentam-se e ouvem quietamente).

CANÇÃO DAS FADAS

O sono virá com as estrelas no céu, suavemente.

As lembranças do prazer e da dor fugirão.

Durmam, durmam, gentil e docemente,

E os desejos do mundo dos sonhos acontecerão.

(Vagarosamente as fadas saem, cantarolando. As crianças estão dormindo profundamente, um nos braços do outro. O príncipe retorna e vendo-os dormindo, inclina-se sobre eles).

PRÍNCIPE

Crianças, crianças, saibam que nós somos reais,

Não importa o que OS adultos digam.

Ó, queridas crianças, vocês podem perceber

Que dançamos enquanto vocês brincam?

Doces sonhos, sonhos de paz para ver!

Voltem outro dia, novamente,

E por que não viver alegremente?

(O príncipe se retira e quando parte, um raio de luar atinge o tronco da árvore. Esta se abre imediatamente e surge o duende. Ele se dirige às crianças, mas fica parado bem fora do círculo).

DUENDE

Ugh! Ugh! Ugh! Eu não os pude ter,
Mas esperem — Ugh! Ugh! — até a próxima ocasião.
Esperem para ver o que vou fazer
Com aqueles poderes mágicos na mão!

(Ouve-se uma doce voz de mulher, que se aproxima. O duende a ouve e parece apreensivo e assustado. Ele lança um olhar carrancudo para as crianças adormecidas e corre de volta ao tronco da árvore, que se fecha, tirando-o da vista. Uma linda jovem aparece. Quando vê as crianças adormecidas, vai até elas, toma-as em seus braços e segura-as bem próximo a ela).

MULHER

Eu segui um caminho ao longo de um muro,
Onde crescem lindas flores.
Esse pequeno caminho disse-me tudo realmente
E dirigiu-me para vocês diretamente.

(Quando a mãe disse isso, o tronco da árvore caiu ao chão fazendo um grande barulho, mas como é um mal desconhecido para a mãe, ela não ouve o barulho e inclina-se amorosamente sobre as crianças).

(CORTINA)

